

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA LETRAS E
CIÊNCIAS HUMANAS

ANA LÍDIA DE OLIVEIRA AGUIAR

IMIGRANTES BOLIVIANOS NOS MERCADOS
INFORMAIS DA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO
PAULO

GUARULHOS

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA LETRAS E
CIÊNCIAS HUMANAS

ANA LÍDIA DE OLIVEIRA AGUIAR

IMIGRANTES BOLIVIANOS NOS MERCADOS
INFORMAIS DA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO
PAULO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de São
Paulo como requisito parcial para obtenção
do grau em Bacharel em Ciências Sociais
Orientador: José Lindomar Albuquerque
Coelho

GUARULHOS

2010

Aguiar, Ana Lúcia de Oliveira

Título: Imigrantes bolivianos nos mercados informais da Região Metropolitana de São Paulo / Ana Lúcia de Oliveira Aguiar. – Guarulhos, 2010.

50.

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Ciências Sociais – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2010.

Orientador: José Lindomar Albuquerque Coelho.

Título em inglês:.

1. Imigração Boliviana 2. Identidades 3. Mercados informais I. Título

ANA LÍDIA DE OLIVEIRA AGUIAR

**IMIGRANTES BOLIVIANOS NOS MERCADOS INFORMAIS
DA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO**

Guarulhos, 4 de novembro de 2010

Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. José Lindomar

Universidade Federal de São Paulo

Prof^ª Dr^ª Andreia Claudia Miguel Marques Barbosa

Aos meus pais

Agradecimentos

Agradeço à minha família, aos meus pais em especial, por me ajudarem, não só no desenvolvimento desta pesquisa, mas pelo apoio que me têm dado durante toda minha vida, pelos investimentos e preocupações, amor e incentivo. Aos meus tios, que, mesmo me criticando diversas vezes, estão sempre ao meu lado, dando ideias, lendo minhas produções, incentivando meus estudos e me ajudando no que preciso, assim como minha prima Thaís.

A realização deste projeto não teria sido possível sem a ajuda, incentivo e cobranças do orientador desta monografia e de minha vida acadêmica professor Lindomar Albuquerque, o qual tem colaborado com meu desenvolvimento intelectual, desde o primeiro ano na Unifesp, além de escutar meus desabaços e anseios durante minha vida acadêmica. Muito de meu desenvolvimento como pesquisadora se deve às suas cobranças, sugestões e entusiasmos.

Agradeço também à professora Andrea Barbosa, que por meio do Visurb, tem ajudado na desconstrução do meu olhar, possibilitando a ampliação das minhas ferramentas de pesquisa. É também a pessoa com quem compartilho minhas inquietações epistemológicas, além de ter sido a responsável por meu interesse na análise de imagens e do meio urbano, possibilitando uma maior riqueza na hora de articular teoria e empiria.

Agradeço às professoras Alessandra El Far, Melvina Afra Araújo e ao professor José Carlos Gomes Silva, pelos questionamentos e pela disposição em escutarem minhas inquietações epistemológicas, pelos questionamentos feitos, pela pré-disposição em me ouvir sempre que precisei de ajuda, conselhos e incentivo, além de muito ajudarem no enriquecimento de meus trabalhos e crescimento intelectual.

Agradeço aos amigos de longa data que estão sempre me apoiando, mesmo seguindo caminhos diferentes, estamos sempre juntos, ajudando uns aos outros na troca de dádivas de amizade, aqui estão Claris, Joycita, Namel, P., Priscila, Paola, Octávio, André e Cristina.

Não poderia deixar de agradecer também aos amigos que me acompanham desde o início da jornada acadêmica e que entraram em minha vida para que eu pudesse seguir sempre em frente. Ao Lucas e Thaís Leal pela troca de figurinhas, pela ajuda mútua no desenvolvimento de nossas pesquisas sobre imigração. À Clarissa que, mesmo tão distante de minha área de interesse na academia, sempre me deu apoio, acompanhando-me nas caminhadas etnográficas e compartilhando as mesmas angústias e anseios, por ter me apoiado em momentos de intensa crise pessoal e intelectual; ainda agradeço à mesma pelas nossas conversas infundáveis e pela grande amizade. Como não poderia deixar de ser, agradeço aos pais dessa, Nete e João, por terem me acolhido e dado bons conselhos quando precisei.

Agradeço à Bárbara Sá, grande amiga, pelas conversas, incentivos, sugestões. Pela troca de desabafos que só nos fazem crescer ainda mais em nossa vida profissional e pessoal. Com ela aprendi muito, principalmente a nunca deixar de lado as ações que precisamos desempenhar em benefício da sociedade. Que por mais que estudemos teorias, não podemos, jamais, deixar de lado a prática. Igualmente, agradeço à Fernandinha pela grande amizade construída, pela militância por uma sociedade mais justa. Agradeço, ainda, à sua família por terem me acolhido com grande prazer e felicidade. Agradeço, também, aos outros colegas do Visurb pelas sugestões e pelo constante aprendizado.

Ao Luiz, Maristela, Dirce, Antônio, Marcelo, Cristina Oliveira, Debora, Laís, Larissa, Amanda, Francisca, Eliene, Lu, Ju e Flávia Mendes Sá que, embora não estando ligados diretamente à minha pesquisa, foram pessoas maravilhosas que conheci e estão sempre ao meu lado, principalmente ajudando a superar meus medos, a todos meu grande afeto. Agradeço à Fran e Estefânia, as quais sempre se dispuseram a ler minhas produções opinando para maior qualidade de meus textos e ideias, e mais ainda pela companhia. À Jessica e ao Gustavo pelas muitas risadas, ao Leandro Becceneri pelas caronas joseenses. Agradeço à Thaís Aleksejuk, Sarah, Paulo, Fabiana, Paula, Luiz, Augusto, Glauber, Caio, Leandro, Carlinha, Carlota, Vinícius, Elaine, Gabriela, Gleice, Léo e Ruth pela amizade, conversas, pelo apoio mútuo e pela felicidade que compartilhamos ao longo de nossas estadas guarulhenses. Amizades construídas e conservadas.

Agradeço aos colegas do Cursinho Comunitário Pimentas, os quais me ajudaram na construção desse trabalho e no meu desenvolvimento como pessoa, militante e pesquisadora.

Como não poderia deixar de ser, agradeço imensamente aos meus interlocutores, Marco, José, Luci, e a tantos outros que permitiram o desenvolvimento de meu projeto, pois sem eles isso não teria sido possível.

Ao Cnpq por ter concedido dois anos de bolsa de pesquisa, o que ajudou a despertar em mim o prazer em realizar pesquisas, além de me ajudar durante o desenvolvimento dessa monografia.

Agradeço à Unifesp e ao nosso corpo docente e a todos os colegas da Escola de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Unifesp por acreditar neste projeto do Campus Guarulhos e também em meu trabalho e permitir que eu concluísse minha graduação com muita paixão pelas Ciências Sociais, além de não desanimarem perante às enormes dificuldades encontradas por todos nesse início de existência do campus. Do mesmo modo, agradeço à Maria Oliveira, que durante três anos foi a secretária do curso de Ciências Sociais, a qual nos salvou em muitos momentos. Funcionária que fazia com que fôssemos até a

secretária só para colocarmos as conversas em dia. Também agradeço aos outros funcionários da Unifesp, em especial ao corinthiano Edésio, que sempre prepararam as salas e palestras para que ocorressem nossos debates.

Por fim, agradeço ao Governo Federal, do presidente Lula, pela expansão das Universidades Federais, pois sem essa eu não estaria aqui.

RESUMO

O projeto desenvolvido aborda as relações de identidades e alteridades estabelecidas entre os imigrantes bolivianos que trabalham na Região Metropolitana de São Paulo, em específico a Rua 25 de Março e a Feira do Marcos Freire (Bairro dos Pimentas em Guarulhos). Espaços de comércio que diferem entre si, principalmente pela dimensão de cada lugar, mas ambos estão inseridos no chamado mercado informal. Isso faz com que os atores desempenhem formas distintas de apropriação do espaço urbano e também de percepção do trabalho em busca do projeto da imigração. No entanto, é possível perceber semelhanças no desenvolvimento dessa imigração em ambos os lugares, visto que parece haver um fio que conduz a imigração boliviana. Nesses locais, também estão em jogo relações de poder e situações de conflito entre vários atores, sejam eles imigrantes de várias nacionalidades, brasileiros e o Estado. Essa situação acarreta para os bolivianos diferentes formas de percepção do "outro" e do espaço urbano, à medida que se traça um cenário de contatos e choques culturais. Além disso, a identidade é negociada segundo as situações que são postas dia a dia, seja para defender a categoria de ambulante, uma cultura nacional, ou para expressar a presença imigrante.

Palavras-chave: Imigração boliviana, mercados informais, identidades, alteridade.

ABSTRACT

The project developed discusses the identity relations and otherness established between Bolivian immigrants who work in metropolitan region of Sao Paulo, in particular the 25 March Street and Marcos Freire Fair (in Pimentas, region of the city Guarulhos). They are trading spaces that differ in each other by the size of each place, but both are included in so-called informal market. This makes the actors play different forms of appropriation of urban space and also the perception of work in search of immigration project. However, there are similarities in the development of immigration in both places, because there seems to be common characteristics about the Bolivian immigration. In these places exists power relations and conflicts between immigrants of different nationalities and Brazilian State. In this situation, the Bolivians have different perceptions of the “others” and the urban space with cultural clashes. Moreover, identity is negotiated according to the everyday situations, for defend the category of itinerant, national culture, or to express the immigrant presence.

Keywords: Immigration Bolivia, informal markets, identity, otherness.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
<i>1.1A Imigração Boliviana na Região Metropolitana de São Paulo</i>	03
<i>1.2A escolha do local: para onde iremos?</i>	05
<i>1.2.1 Uma opção para viver: a região dos Pimentas</i>	07
<i>1.2.2 O maior comércio: como trabalhar?</i>	08
2. COMÉRCIO INFORMAL, TRABALHO E OUTRAS FORMAS DE SOCIABILIDADE	11
<i>2.1 Mercadorias informais</i>	12
<i>2.2 Feira do Marcos Freire: domingo também tem trabalho</i>	17
<i>2.3 Rua 25 de março: são muitas disputas em jogo</i>	22
<i>2.4 Formas de Viver, de Trabalhar E de Socializar</i>	26
3. CONSTRUINDO IDENTIDADES	31
<i>3.1 Ser boliviano numa Feira</i>	33
<i>3.2 Rede de identidades num único espaço</i>	35
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
5. BIBLIOGRAFIA	44

1. INTRODUÇÃO

O interesse pela imigração boliviana no Brasil se iniciou no primeiro semestre de 2007 por vários motivos, mas principalmente pela sua variada composição étnica e a forte ligação que os bolivianos apresentam com as raízes indígenas. A princípio, o trabalho tinha como espaço de pesquisa a cidade de São Paulo, mas ao circular pelas Ruas que circundam o Campus de Humanidades da UNIFESP (localizado no Bairro dos Pimentas, na periferia de Guarulhos), onde também fui viver depois de ter saído do interior paulista para frequentar a Universidade, passei a perceber que a presença boliviana era muito expressiva. Isso resultou no projeto de Iniciação Científica *Os Bolivianos na Periferia de Guarulhos*, o qual buscava compreender como se constitui essa imigração na região do Bairro dos Pimentas, como ela se apropria do espaço urbano, bem como sua identidade é construída num contexto de imigração e as relações estabelecidas entre eles e os outros.

Durante o desenvolvimento desse projeto e alguns passeios exploratórios a fim de perceber os diferentes fluxos migratórios na Região Metropolitana de São Paulo, passei a compreender que, assim como os bolivianos que contrastam com outros imigrantes latino-americanos e brasileiros no Bairro dos Pimentas, muitos outros imigrantes passam a compor o cenário da Rua 25 de março. Naquele espaço de intensas relações comerciais e de trânsito de pessoas, constroem-se outras fronteiras econômicas e simbólicas, outras formas de heterogeneidade cultural, além daquelas nacionais, as quais eram minha principal preocupação na pesquisa anterior.

Deste modo, dei início ao segundo projeto de Iniciação Científica *Identidades e Alteridades dos imigrantes bolivianos na Rua 25 de março*, o qual busca compreender quais as relações que estão em jogo nas disputas e negociações pelo espaço urbano, os mecanismos diante da fiscalização do Estado – “o rapa” –, as representações construídas sobre eles mesmos e sobre os diversos outros presentes na Rua.

O projeto o qual busquei desenvolver para a monografia pode ser compreendido como o desdobramento dos dois projetos de iniciação científica citados. À medida que ambas as pesquisas têm, como foco, não somente a imigração boliviana, mas também como essa se relaciona com os outros e como constroem espaços de sociabilidade e estratégias de sobrevivência nesse contexto de tensões e estranhamentos. Todavia, como os contextos analisados são um pouco distintos, foi-me preciso fazer um novo recorte na periferia de

Guarulhos. Portanto, me centrarei somente na feira do Bairro Marcos Freire, local em que há a comercialização dos produtos feitos por bolivianos.

Assim, procuro questionar as possíveis diferenciações entre a constituição dos imigrantes bolivianos que trabalham na Feira do Marcos Freire, na periferia de Guarulhos, e aqueles que trabalham no centro da cidade de São Paulo.

Nesses dois cenários de múltiplas identidades e alteridades locais, regionais e internacionais – o primeiro numa Periferia e o segundo no maior centro comercial ao ar livre da América Latina – questiono: como se formam os contextos da migração boliviana? Como são suas atuações na Metrópole? Como são tecidas as tramas e os conflitos? Como são construídas as representações que os imigrantes constroem sobre eles mesmos e sobre os “outros”?

Deste modo, após quase três anos de pesquisa sobre imigração boliviana a perspectiva que busco ler bolivianos em São Paulo se afasta da ideia de trabalho semiescravo, o qual é alvo constante dos meios de comunicação. É certo que ainda possam existir oficinas que exploram essa imigração na Região Metropolitana de São Paulo, mas também é certo que grande parte dos bolivianos que hoje se dirigem para as áreas centrais de São Paulo buscam novas alternativas de trabalho, construindo oficinas em suas próprias casas e tendo a própria família como funcionários, seja para costurar, seja para vender as mercadorias produzidas.

Nos dois espaços analisados, essa variável de oficinas familiares se repete, apontando para novas formas de perceber a heterogeneidade cultural desta imigração na inserção da sociedade brasileira. Ou seja, eles parecem estar reivindicando e conquistando espaços e direitos nos territórios brasileiros. Afinal, um povo que passou e passa por tantas dificuldades, busca, em outros contextos, novas formas de melhorias de vida, a fim de viver com mais tranquilidade e qualidade de vida, sem a exploração das minas na Bolívia e nas oficinas de São Paulo.

Além disso, não podemos deixar de destacar o esforço do Governo Federal Brasileiro¹ em ajudar esses imigrantes a conquistarem os vistos de permanência no país, possibilitando que as crianças bolivianas possam estudar e se inserir, mais facilmente, na sociedade brasileira, oferecendo-lhes atendimento nos Sistemas Públicos de Saúde (SUS) e, principalmente, o direito de trabalhar. É claro, que mesmo com a ajuda do Governo e com a coragem de lutar dos imigrantes, a inserção não se dá sem problemáticas, pois, ainda, há

¹ Acordo bilateral entre Brasil e Bolívia firmado em 2005 que tinha como objetivo ajudar a regularizar imigrantes brasileiros na Bolívia e bolivianos no Brasil, os quais de encontravam em situação irregular, a fim de conseguir a documentação necessária de permanência no país. Ver: Acordo Nº. 88/2005, Ajuste Complementar Nº 416.

muito preconceito presente nas experiências cotidianas dos brasileiros frente ao desconhecido. É sabido que a Lei 1.664/2009 do Governo Brasileiro, a qual anistiava imigrantes que se encontrassem de forma irregular no país com entrada até 1º de fevereiro de 2009, não esgotam os inúmeros problemas enfrentados por eles, mas não podemos negar a sua primeira importância.

Esse fato faz com que os imigrantes mobilizem, de acordo com as situações vividas, formas distintas de apreensão da imigração e dos espaços aos quais estão inseridos, possibilitando que variadas identidades sejam tecidas como forma de defesas e também de reivindicação de ser boliviano, ou mesmo de ser trabalhador em um contexto que não é o seu nacional.

Esta monografia, como o desdobramento das duas iniciações científicas que realizei entre 2008 e 2010, passou por uma série de questões metodológicas. No princípio de minhas pesquisas, estive centrada em leituras bibliográficas acerca de questões migratórias, em específico da imigração boliviana em São Paulo. Também, explorei temáticas sobre antropologia e sociabilidade urbana, além de textos sobre os conceitos de “identidade”, “nações” e “nacionalismos”. Os trabalhos de campo permearam grande parte do desenvolvimento das pesquisas, principalmente, da segunda Iniciação Científica, pois já me sentia mais preparada para a conversa com meus interlocutores. No entanto, no primeiro trabalho, as idas ao campo foram mais tardias em decorrência do sentimento de apreensão que me acompanhava. Não sabia exatamente a melhor forma de abordagem, o que resultou em alguns insucessos, mas, depois de muitas tentativas, consegui um bom contato com os imigrantes bolivianos que trabalham na Feira do Marcos Freire.

Os trabalhos de campo, na região do Marcos Freire, foram feitos entre os meses de novembro e dezembro de 2008, abril a junho de 2009 e setembro e outubro de 2010. Na Rua 25 de março as idas a campo se centraram nos meses de julho a dezembro de 2009 e de fevereiro a setembro de 2010.

A pesquisa bibliografia permeou todo o trabalho; em específico, na segunda pesquisa, foi preciso ler textos que discorressem sobre mercados informais e a questão da legalidade.

1.1 A IMIGRAÇÃO BOLIVIANA NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO

A nação é um fenômeno moderno (Anderson, 1993) que não se define por uma questão lingüística, geográfica ou religiosa. Ela pode ser compreendida por um desejo de compartilhar a mesma história, a qual pode ser entendida como fatos e tradições vivenciados e selecionados no cotidiano de cada população. Assim, a nação se constitui como imaginada, já que há um desejo de os indivíduos de partilharem e assumirem aquilo que acreditam ser mais característico em sua nação. Nesse sentido, penso que as imigrações bolivianas, a princípio, mesmo fora do seu contexto nacional, procuram articular elementos que imaginam como nacionais e os transpõe para o país receptor.

Tomo o antropólogo Abdemalek Sayad como referência para compreender o fenômeno da imigração, à medida que, para ele, se pensarmos a migração como um processo que passa primeiro pela emigração – num movimento em que o indivíduo deixa a cidade e depois o país de origem – e posteriormente para a imigração – quando o emigrante, agora, chega ao país de destino – podemos compreender que há uma relação dialética neste processo migratório. Pois, um mesmo conjunto pode engendrar uma forma particular de emigração, uma classe particular de imigrantes que mantém um modo particular de relação com o seu país e uma relação com o país imigrante e com suas próprias condições.

Em busca de estratégias de sobrevivência no Brasil, os imigrantes bolivianos buscam compreender a dinâmica presente e as melhores formas para se inserirem neste novo contexto. Como, por exemplo, as formas de trabalho no comércio, no qual bolivianos e brasileiros disputam junto espaços de venda.

De acordo com Sayad (1998), o imigrante, ao prolongar a imigração por toda uma vida ativa, vive uma existência privando-se e sendo privada do direito nacional, de pertencer a um corpo político, de ter legitimidade. Para o Estado-nação, o imigrante não pode ter uma identidade civil, ou seja, ele não pode se identificar como pertencente à sociedade na qual está inserido, conseqüentemente, muitos direitos lhe são negados, tais como os direitos políticos. Assim, dissociado de toda a ordem nacional, a imigração e emigração fazem desse indivíduo um homem abstrato, pois, somente algumas características em comum são evidenciadas, diferente da relação que estabelecemos com nossos semelhantes, na qual partilhamos de diferenças específicas.

Além disso, essas categorias são utilizadas pelo Estado nacional a fim de classificar o outro frente àquele nacional. Sua “apolitização” faz com que o imigrante ignore o que é e o que o opera objetivamente, ignorando sua verdade, sua natureza política; pois, sob uma aparência de transferência de mão-de-obra, trata-se da transferência de cidadãos ou de indivíduos nacionais, de sujeitos políticos.

A imigração está sujeita a uma moral imposta pelo país receptor, enquanto estiver sob uma relação de dominação, fazendo com que o imigrante seja menos político. E, sendo a política exclusiva dos pertencentes ao Estado nacional, o imigrante como não-nacional, é dele excluído de direito; mas o emigrante que ele também é, é excluído de fato da política de seu país de origem enquanto é um nacional ausente do político. O indivíduo, como emigrante, exclui-se antes de ser excluído. Isso porque, ser imigrante é estar sujeito a uma série de situações, sejam elas os estigmas atribuídos a eles ou a falta de políticas públicas relacionadas a esta condição.

Vários fatores são encontrados para justificar a ocorrência da imigração, sejam eles econômicos, sociais ou culturais. Muitos se deslocam para um novo país, para demonstrar à sua comunidade que é capaz de obter sucesso, e quando este é conquistado o valor demonstrativo desaparece. A vida de algumas cidades depende dos emigrantes, mesmo quando esses voltam, muitos passam apenas uma temporada e outros continuam a agir como um imigrante.

Há uma constante tensão entre as diversas imigrações, a sociedade civil e o Estado brasileiro. Sayad acredita que o imigrante abaixa a cabeça muito mais para aquilo que lhe é imposto pelos civis da nação presente do que reivindica aquilo que lhe é de direito, há diversas situações em que ele se vê obrigado a aceitá-las, pois existe uma oposição arbitrária do que é nacional e o que não é nacional. Nesse contexto, o imigrante segue uma linha diferente, recebendo um tratamento distinto dos demais indivíduos que compõem a sociedade.

Para Sayad, os imigrantes possuem determinadas ilusões como a de que sua presença é provisória, de que essa é justificada pelo motivo que o levou até aquele país, a de que existe uma neutralidade em proveito de uma função econômica. A função do imigrante visa à necessidade do momento. Mas essa situação, para a imigração boliviana a qual venho trabalhando, só poderá ser compreendida se a pensarmos num primeiro momento, já que, segundo alguns bolivianos com que conversei não pretendem voltar para o país de origem. Isso porque seus familiares já se encontram no Brasil, ou mesmo porque a condição econômica a qual se veem aqui é mais favorável que à da Bolívia, à medida que a aquisição de bens materiais é mais fácil neste novo contexto.

1.3 A ESCOLHA DO LOCAL: PARA ONDE IREMOS?

Os imigrantes que se dirigem para a Região Metropolitana de São Paulo são jovens e estão na fase mais produtiva de suas vidas, entre dezoito e trinta e quatro anos. (Silva, 2005). Eles advêm de diferentes regiões da Bolívia. Primeiramente, migraram para as principais cidades dos departamentos bolivianos que apresentam maior desenvolvimento econômico, como La Paz, Cochabamba e Santa Cruz de la Sierra. E, não conseguindo obter o sucesso desejado, resolvem se arriscar em outros centros urbanos, mas que estão além das fronteiras geográficas nacionais.

Nas duas últimas décadas, cerca de 100 mil bolivianos (Silva, 2005) se dirigiram ao Brasil, sendo 80 mil para a cidade de São Paulo e Região Metropolitana. As crises e as mudanças econômicas e políticas que o país enfrenta nas últimas décadas favorecem o intenso fluxo de bolivianos para outros países.

A imigração boliviana em direção à Região Metropolitana de São Paulo vem de longa data – mais ou menos a partir da década de 1950 – mas foi na década de 1980 que este fluxo migratório ganhou intensidade. De lá pra cá, muitas mudanças ocorreram no que se refere a esta imigração. O perfil do imigrante boliviano passou por uma diversificação ao longo dos anos. Se antes o maior contingente era proveniente de categorias com formação acadêmica, que tinha como objetivo atuar nas respectivas áreas de formação, hoje o nível de instrução educacional decaiu, e aqueles que para cá se dirigem, vêm em direção, principalmente, das oficinas de costura.

Uma alternativa encontrada pelos imigrantes bolivianos, que vivem na Região Metropolitana de São Paulo, para desempenhar o projeto da imigração foi se arriscar nos mercados informais que permeiam a metrópole paulistana. Desde uma feira popular num dia de domingo, até o grande comércio da Rua 25 de março.

Esses espaços são distintos em si, haja vista a dimensão que cada um adquire. A feira popular, localizada no Bairro Marcos Freire em Guarulhos, compõe-se apenas de uma Rua, diferentemente da Rua 25 de março, a qual se constitui como um complexo que a todo momento está se modificando e se expandido para outras localidades da região.

Visto o desenvolvimento desta imigração em dois contextos distintos, é preciso compreender que não se pode considerar que a imigração boliviana seja única, ou melhor dizendo, seja “a imigração boliviana”, pois estaríamos fazendo uma homogeneização.

Os indivíduos apreendem projetos de vidas distintos e as condições em que se encontra cada um deles lhes proporcionam formas de viver diferenciadas. Foi o que observei durante a realização do projeto no Bairro dos Pimentas.

Na periferia de Guarulhos, a forma de organização era retratada por meus interlocutores de modo distinto às interpretações feitas por alguns meios de comunicação sobre a imigração boliviana na cidade de São Paulo. Enquanto, na Região dos Pimentas, os ofícios são exercidos em oficinas de regime familiar, nos Bairros centrais da Metrópole Paulistana, a organização segue a lógica patrão/empregado segundo os meios de comunicação, mas estudos recentes sobre a migração na região apontam que esse fato não é mais regra e sim exceção. Além disso, há as condições concretas do local em que estão inseridos, o que lhes permite mais ou menos ressignificar a cultura de origem. Neste momento, há a escolha de quais características culturais irão exteriorizar, que serão empregadas de diversas formas nos diferentes contextos. Também, há a origem de cada imigrante, pois, a Bolívia não só é um país multiétnico, como também, com grupos econômicos e sociais bastante distintos, o que reflete na forma de imigração que irão desempenhar no país receptor, neste caso o Brasil.

1.3.1 UMA OPÇÃO PARA VIVER: A REGIÃO DOS PIMENTAS

A região dos Pimentas é a mais populosa da cidade de Guarulhos, cerca de 400 mil pessoas. Esta cidade é a segunda maior do Estado e é a segunda cidade mais populosa de São Paulo e a décima segunda do Brasil. É a maior cidade não-capital e a oitava economia do país, com uma população de 1299.283, segundo o Censo de 2009. É neste contexto que se encontra a região dos Pimentas.

Guarulhos é dividido em 46 Distritos e o Pimentas é um deles, que por sinal é o mais populoso, entretanto não existe um Bairro com este nome, trata-se de uma região administrativa que engloba diversos Bairros. Contudo, o Pimentas é tido como uma unidade nos discursos populares, principalmente quando é preciso se situar na cidade. (Sá, 8:2009)

Esta região é entendida pelos moradores como todos os Bairros que se localizam do “lado de cá” da Rodovia Presidente Dutra. Entretanto, há nesta região outros Bairros como, por exemplo, o Itaim, mas que para os habitantes desse local é considerado Pimentas, ou seja,

a região pode ser compreendida como uma invenção cotidiana carregada de trocas simbólicas a partir das experiências vividas.

“O Pimentas”, na periferia da cidade de Guarulhos, faz fronteira com São Miguel Paulista, periferia da cidade de São Paulo. Esta região dos Pimentas apresenta, em seu processo de formação, a vinda de diversos imigrantes que saíram de diferentes lugares do Brasil, principalmente da região Nordeste. Na última década, com o aumento dos fluxos de imigração de população dos países vizinhos, percebem-se as mudanças de costumes, hábitos, falas no cotidiano dos moradores desse Bairro. Diversos grupos de brasileiros e grupos de bolivianos, peruanos e outros começam a mudar a paisagem cultural e construir outras fronteiras na heterogeneidade cultural dos Pimentas.

Ao passo que a região é muito grande, faz-se importante estabelecer um recorte metodológico acerca dos locais de pesquisa. Assim, irei delimitar a Feira dominical que ocorre no Bairro do Marcos Freire, onde os imigrantes se encontram não só para o consumo, mas também para vender os produtos que fabricam.

Barracas com as mais diversas mercadorias, como pastéis, CDs e DVDs piratas e batatas de um lado; do outro, a venda de peixes, milho e caldo de cana. Mais à frente, há a disposição de frutas, legumes e verduras. Já ao final, encontramos mais barracas de pastéis e também roupas e bugigangas. São estas imagens que compõem a “Rua principal”² da Feira do Marcos Freire; para além destas, também encontramos barracas dispostas pelo centro e atrás de todas as outras.

Logo, ao se aproximar do espaço da feira, já nos é possível perceber que estamos chegando, pois há os sons dos típicos forrós nordestinos vindo dos carros e dos camelôs; um fluxo de pessoas indo e vindo com sacolas ou, simplesmente, com a intenção de passear pelas “lojinhas ao ar livre”, a fim de conversar sobre os assuntos mais variados. Neste cenário de alteridades, de diversas identidades é que se inserem grupos de imigrantes bolivianos, os quais interagem e se chocam com os indivíduos que ocupam os mais diversos papéis sociais, sejam eles nativos da região, ou provenientes de outras partes do país.

A Feira do Marcos Freire é tida por muitos moradores da região como a principal feira do Bairro dos Pimentas, muitos habitantes que vivem no entorno desse local, vêm até a feira aos domingos. Inclusive os comerciantes, como é o caso do vendedor de água de coco que vive em São Miguel, na cidade de São Paulo. A Feira acaba por evidenciar a estrutura de formação do Bairro, pois as barracas que estão dispostas em suas Ruas demonstram a forte

² Quando falo em “Rua principal” quero me referir àquela que é formada pela disposição das grandes barracas que se distribuem em ambos os lados da Rua propriamente dita.

presença da migração, especialmente, nordestina na região: com os famosos *jabás do Norte*. Além disso, a trilha sonora que invade nossos ouvidos são os sotaques e também os forrós nordestinos.

1.3.2 O MAIOR COMÉRCIO: COMO TRABALHAR?

Desde muitos anos, sob o nome de Rua de Baixo, que a Rua 25 de março é conhecida por seu intenso comércio. Se antes as mercadorias que se dirigiam para todo o interior do país saíam do Porto Geral que se encontrava no rio Tamanduateí que ali cortava, ou mais tarde no início do século passado, pelos consumidores que se beneficiavam dos trens recém inaugurados na Estação da Luz, hoje não é muito diferente. Talvez, a distinção esteja na diversidade das mercadorias comercializadas, ainda mais a partir dos anos 1990 quando houve um *boom* dos produtos *Made in China*.

Outra diferença estaria na forma como a mercadoria chega a outras partes do país, já que o rio se encontra canalizado. Pessoas de várias partes do país vêm a São Paulo com intuito de fazer compras na famosa Rua paulistana, famosa pelos seus preços mais acessíveis, pela variedade de produtos, pela rapidez com que os produtos atendem às necessidades do mercado já que você não precisa ir ao cinema assistir o filme em cartaz, à medida que ele está à venda naquela Rua, etc.

Assim como Fernando Rabossi (2004) fez ao estudar o comércio fronteiro de *Ciudad del Este* no Paraguai, aqui também me questiono: onde começa e onde termina a Rua 25 de março? Quanto mais desenvolvo o trabalho de campo, mais chego à conclusão de que ela não se restringe apenas à Rua principal, mas também às ruas que a circundam. O comércio se estende por Ruas paralelas e transversais. A delimitação que, a princípio, faço está abaixo da ladeira Porto Geral, até a Rua do Mercado Municipal (Rua da Cantareira), da Avenida Senador Queiroz até o Parque Dom Pedro. Entretanto, esta é a minha Rua 25 de março, cada um faz um percurso da Rua, alguns apenas caminham pela 25 propriamente dita; outros, como os vendedores ambulantes, ampliam a sua Rua à medida que fogem da fiscalização.

A concepção que se tem de um espaço é produzida pela prática que se faz do local e com a experiência que se tem dele. O espaço é constantemente transformado por aqueles que por lá circulam. Assim, como Certeau (2009), penso que o pedestre em sua caminhada pelas Ruas que compõem o complexo comercial da Rua 25 de março também ajuda a delimitar e a

dar sentido à Rua juntamente com os comerciantes compondo uma trajetória, a qual demarcará o espaço.

A caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, repeita etc., as trajetórias que ‘fala’. Todas as modalidades entram aí em jogo, mudando a cada passo, e repartidas em proporções, em sucessões, e com intensidade que variam conforme os momentos, os percursos, os caminhantes. Não seria portanto possível reduzi-las ao seu traçado gráfico (CERTEAU, 2009: 166)

A Rua 25 de março poderia ser caracterizada de diversas formas, pelos diversos atores que circulam pelas Ruas. Mas as imagens que aciono quando me refiro a ela são as que se relacionam com a intensa diversidade cultural e étnica. Se até o meio do século XX era conhecida pela alta quantidade de árabes que ali residiam, hoje ela é formada não só por eles e por brasileiros advindos de diversas regiões do país. Há, também, os latino-americanos, sírio-libaneses, turcos, argelinos etc.

Além disso, pode-se dizer que uma característica marcante da Rua 25 de março é a intensa instabilidade e circularidade. A Rua se modifica e se reconstrói a cada minuto, à medida que a fiscalização ocorre de maneira diferenciada naquele local. Acredita-se que a proveniência de muitas mercadorias é duvidosa, não só as que são vendidas no espaço da Rua em si (onde se concentra meu trabalho), mas também nas lojas e shoppings que compõem o comércio. Assim, no momento em que um ambulante está comercializando em frente ao Armazinhos Fernando, em questão de poucos minutos ele já pode estar perto do Parque Dom Pedro.

2. COMÉRCIO INFORMAL, TRABALHO E OUTRAS FORMAS DE SOCIABILIDADE

Quando o migrante deixa seu país de origem para viver em outro contexto nacional, sua vida sofre grandes transformações. O cotidiano da Bolívia não é mais o mesmo no Brasil. Formas de viver e de sociabilizar precisam ser repensadas de acordo com as novas experiências. O trabalho, para o imigrante, é um dos fatores mais importantes para desempenhar seus projetos, e, é também, um dos fatores chave para compreender a imigração. Para o trabalhador a sua força de trabalho é

“a realização de um modo de vida, e conclui que a valoração ‘tradicional’ da família não resulta, entretanto, de um irracional apego ao passado, mas de uma apreciação adequada, dentro da ótica e dos limites da situação vigente, das condições de vida dos trabalhadores” (DURHAM *apud* MAGNANI, 2003: 27).

Um elemento da imigração também pode ser pensado como uma grande *aventura*, à maneira como Simmel a define. Pois, acontecimentos que não são comuns ao cotidiano do indivíduo, como a inserção em um novo contexto e suas consequências – como as novas relações com os diversos “outro” – atribuem um significado à aventura.

Ao passo que saímos do nosso habitual e passamos a lidar com o estranho fica mais fácil nossos projetos virem à tona. “Procuramos identificar a nossa incapacidade para integrar uma vivência neste processo recorrendo à ideia do sonho (ou projeto), durante o qual esta vivência teria ocorrido” (SIMMEL, 2004:180). Esta situação remete aos próprios sonhos que levam o indivíduo a migrar, ou seja, o sonho de obter o sucesso desejado. O trabalho também seria outro elemento inserido na construção da imigração. Pois, para Sayad (1998), um imigrante é uma força de trabalho provisória e em movimento, modo que lhe foi condicionado, mesmo que passe a vida inteira no país imigrante, ele sempre será um imigrante.

Assim como a *aventura*, a imigração também pode não possuir um antes e nem um depois. Por mais que haja um motivo que leve o migrante a acreditar na migração e que justifique a sua estada em outro país, quando esse chega a um novo contexto nacional, suas atenções, geralmente, passam a se concentrar no aqui e agora, isso porque novos desafios são colocados à sua vivência e há uma necessidade de tentativa de se adaptar ao estranho. Além

disso, estas duas situações estão marcadas por processos que formam na vida sínteses e antagonismos.

Este processo descrito por Simmel pode ser compreendido como sendo uma das configurações da imigração, na medida em que, por exemplo, crises econômicas impulsionam indivíduos a migrar em busca de melhorias financeiras na sua vida, integrando-se à nova comunidade e mobilizando várias esferas sociais, já que não é uma característica pessoal de um único indivíduo, estendendo-se a uma série de pessoas. Para Simmel, cada membro complementa o outro, não como uma mistura, no caso aqui tratado, de identificações étnicas, mas, como resultado da construção a partir de vivências conjuntas entre o nativo e o outro.

Ademais, quando está inserido em uma aventura, em um novo contexto – neste caso o da imigração – o imigrante fica mais exposto ao mundo por conta de suas diferenças, desse modo, o nativo faz com que aquele sofra à medida que são considerados estrangeiros de um tipo particular. Ou seja, sua origem estrangeira é partilhada com muitos outros. Assim, o indivíduo se entrega às incertezas do mundo em busca de conquistas que podem torná-lo feliz frente ao sofrimento a que está submetido. Tais incertezas são refletidas, ainda mais, no desempenho do trabalho, visto que, muitos migrantes não conseguem empregos formais, pelos variados motivos, e precisam se arriscar nos mercados informais.

2.1 MERCADORIAS INFORMAIS

Grande preocupação dos trabalhadores do comércio é com sua mercadoria, pois é ela que garantirá o sustento de suas famílias. Os produtos que esses homens vendem fazem sucesso nos mercados informais pelas vantagens atribuídas pelo baixo valor, os quais correspondem para o Estado brasileiro ao não pagamento de impostos. Porém, não podemos esquecer que, no momento em que, por exemplo, a matéria prima é comparada para construir a mercadoria vendida, já há um valor incluso no preço total que corresponde ao pagamento dos impostos. Mesmo um CD ou DVD “pirata”, o indivíduo que faz a cópia paga imposto sobre a mídia virgem e ainda sobre as energias utilizadas para obter o recurso que será gravado (como energia elétrica).

Neste sentido, tentando compreender um pouco esta complexidade que se configura o mercado informal, no qual estão inseridos os imigrantes bolivianos, busco desconstruir

algumas questões que ainda permanecem como sendo o local do sujo, do ilegal, e do marginal. Pinheiro-Machado (2008) escreve que “a ‘marginalidade’ é a consequência das próprias transformações do capitalismo excludente e, além disso, o trabalho informal promove a circulação de renda em setores populares da sociedade, retroalimentando a economia” (Pinheiro-Machado, 108:2008). Longe de ser marginal, a economia informal é parte estruturante da economia global. Os vendedores de Rua são responsáveis por dar acesso a muitas mercadorias aos consumidores, já que há um baixo valor atribuído ao produto se comparado com o mesmo que é vendido na loja. São eles também, que ajudam a movimentar a economia em diversos setores da sociedade, principalmente, daquele que os cerca.

Para a autora, a diferença entre a economia formal e a informal é que uma é regulamentada pelo Estado e a outra não. Porém, todos os setores não são estáticos, uns interpenetram nos outros, movimentando, dessa forma, a economia, como uma espécie de mutualismo; muitas vezes, atrelando o poder burocrático do Estado com o capital econômico dos empresários. A partir daí, fica a questão, qual a relação entre os ambulantes e a polícia? Ou, qual a relação da polícia com os ambulantes? Como são decididas quais mercadorias apreender?

Segundo Weber, o Estado moderno se configura como instituição de dominação legal, a qual possui o monopólio do uso das forças militares e a cobrança de impostos acerca de uma localidade. O Estado moderno se desenvolve numa relação direta com a economia capitalista. Ele se consolida através dos impostos advindos da economia e, por sua vez, esta necessita da legalidade e do monopólio da violência, garantidos pelo Estado (Weber *apud* Albuquerque, 2005).

A informalidade não está cunhada de modo objetivo e inacabado, pois é um conceito que sempre precisa de revisões e transformações, à medida que os mercados informais estão cada vez mais modernizados e conectados globalmente, como no caso dos produtos chineses. Além disso, cada Estado possui uma legislação dizendo o que é “irregular” e o que não é. Assim, de acordo com a legislação brasileira, uma coisa que pode não ser “legal”, no Paraguai o é. “De hecho, son las elites estatales las que han mantenido, a lo largo de los siglos, el monopolio de la definición y regulación de la legalidad/ilegalidad” (RIBEIRO, 10:2007)

Com o *boom* dos produtos chineses, a partir dos anos 80, a China vem ganhando o mercado global. Grande parte das mercadorias consideradas “falsas” ou “piratas” são produzidas na China e vendidas no Paraguai e, muitas vezes, revendidas no Brasil. Há fortes indícios apontando que muitos dos produtos encontrados na Rua 25 de março são provenientes dos mercados paraguaios, embora muitos outros venham diretamente da China.

Estes produtos, muitas vezes, são vistos como aqueles que não precisam de muita qualidade e precisão, além de ser o caminho mais rápido para atingir o mercado, à medida que são menos burocráticos que a economia formal. Mas, há um código de honra entre vendedor e consumidor estabelecido pela qualidade do produto, via acordo verbal, o que autentica o estatuto moral da transação. Isso pode ser exemplificado por muitos ambulantes vendedores de CDs e DVDs “piratas”, os quais assinam o produto para que o consumidor possa trocar caso não funcione. Além disso, este setor da economia, não possui um órgão fiscalizador especializado, o que há é uma malha de autoridades engajadas nesse modelo de crescimento.

É nesse contexto que estão inseridos os mercados informais da Rua 25 de março e em menor dimensão a Feira do Marcos Freire. As proveniências desses produtos são de vários locais do Brasil e do mundo. Mas o que parece predominar são os produtos “*made in China*”. Isso porque são produtos que possuem um valor muito mais baixo do que os produtos nacionais.

Estive conversando com Sr. Arlindo, ambulante na Rua 25 de março há dois anos e meio, que trabalhava com venda de cadeados e água. Ele afirmou que os cadeados que vende são todos chineses, pois o valor atribuído a esses é baixo e é o que as pessoas estão dispostas a pagar, não importa se o produto é bom, o importante é que ele seja razoável e barato. Sr Arlindo reclamou que havia comprado cadeados nacionais de excelente qualidade, mas que estavam parados porque ninguém quer pagar o preço que eles valem.

A conversa que tive com Sr. Arlindo foi muito interessante, pois estávamos observando as ações da Polícia Militar - PM- quando me aproximei dele. Ele demonstrou muito conhecimento sobre os locais circunscritos da Rua e do ofício do ambulante. Hoje, este não consegue mais trabalhar. Antes o dinheiro que tirava do trabalho servia para pagar água e luz (mas não aluguel, porque sua casa era própria) e assim escolheu a profissão de ambulante porque ficou desempregado, mesmo tendo o segundo grau e o domínio do inglês.

A escolha pela profissão de ambulante por Arlindo foi feita como uma alternativa frente ao desemprego, mas, talvez, esse não seja o único fator, assim fica a pergunta: o que será que leva os ambulantes na Rua 25 de março a trabalharem com o mercado informal?

Com relação a alguns equatorianos, a resposta envolve a mercadoria vendida por eles, pois são lenços artesanais produzidos por seus compatriotas no país de origem, além disso, para eles, não há a possibilidade de mudança de mercadoria quando o mercado saturar. O que há é a mudança de mercado, visto que muitos imigrantes, antes de trabalhar na Rua 25 de março, já estiveram em outras regiões do Brasil e também em outros países, como por exemplo, Chile e México.

Na Rua 25 de março, depois de minha generalização, de achar que todos os imigrantes dos países próximos ao Brasil que trabalhavam na Rua 25 de março eram bolivianos, procurei identificar as diferenças entre eles.

A princípio, o que observei em conversas com os próprios imigrantes, não só bolivianos, pude perceber que há distinções nos produtos vendidos por eles. Os bolivianos, geralmente, vendem roupas, em sua maioria camisetas, as quais são fabricadas por parte da família, pois, outra parte vai até a Rua para comercializá-la. Já equatorianos vendem lenços artesanais, advindos do próprio Equador e também chapéus de praia. E, os peruanos possuem uma variedade maior de mercadorias: vários tipos de bijuterias – brincos, pulseiras e correntes –, bonés e meias.

Os ambulantes brasileiros, por sua vez, também apresentam grande diversidade nas mercadorias que vendem, mas, que são, em si mesmas, diferentes dos produtos bolivianos e equatorianos. Tendência que segue, em relação aos bolivianos da Feira do Marcos Freire.

Segundo Douglas e Insherwood (2009), os bens, aqui vistos como mercadorias, são necessários para dar visibilidade e estabilidade às categorias de cultura, pois, cada um dos bens apreendidos na Rua, pelos variados indivíduos, carrega consigo parte da significação social e ajuda a estabelecer e manter as relações sociais. Ou seja, os bens portam significados, mas, nenhum o é por si mesmo, “o significado está nas relações entre todos os bens, assim como a música está nas relações marcadas pelos sons e não em qualquer nota” (DOUGLAS e ISHERWOOD, 12:009)

As mercadorias cumprem a função de subsistência dos indivíduos, tanto daqueles que vendem, como também daqueles que compram, mas não podemos enxergá-los como algo essencialmente utilitarista, já que eles também são bons para pensar. Assim fica a pergunta: por que cada grupo socialmente construído, neste caso os bolivianos e equatorianos (os quais possuem mercadorias mais bem demarcadas que outros) vendem roupas e lenços, respectivamente?

Para Fernando Rabossi (2004) a Ciudad del Este é um mundo com territorialidades definidas por fronteiras nacionais. Totalidades territoriais econômico-legais que são produzidas *com* e *por* seus mapas e bandeiras. Grande parte dos mercados informais na Região Metropolitana de São Paulo não se localiza numa zona de fronteira transnacional como o caso analisado pelo autor, entretanto, é possível perceber determinadas semelhanças, ilustrando preços baixos de mercadorias e a constituição de uma série de fronteiras, sejam elas simbólicas, étnicas, comerciais etc; a Rua também é produzida por cada nacionalidade ali

presente, sendo um palco de intensas relações interculturais e internacionais, pois, cada indivíduo expressa em sua mercadoria a sua experiência cultural com o mundo.

Assim, possamos, talvez, compreender que a identidade, expressa pelos bolivianos nos espaços de comércio analisados, esteja presente num código compartilhado e construído por agentes que estão em relação com o outro e atribuindo sentido compreendido por todos esses. Ou seja, a identidade também se expressa na mercadoria vendida pelos imigrantes nos espaços da Rua; pois os bens, no nosso caso, também nos ajudam nessa classificação. Como já dito anteriormente, há certa homogeneização feita pelos brasileiros sobre os latino-americanos, mas também há uma forma de diferenciação pelos produtos vendidos por eles. É aqui que apreendem um modo de ver o mundo, compactando experiências obtidas do outro lado da fronteira e aqui ressignificadas. Além disso, em busca do sucesso na venda do produto, os bolivianos, que ali estão, observam seus companheiros a fim de empregar elementos que chamem a atenção do consumidor, como por exemplo, expressões, o modo de dispor os artigos etc. “O conhecimento nunca é uma questão de aprendizado do indivíduo solitário sobre uma realidade exterior. Os indivíduos interagindo impõem suas construções à realidade: O mundo é socialmente construído” (DOUGLAS e INSHERWOOD, 110:2009).

Isso, porque os espaços são socialmente construídos, e as ações dos indivíduos são formatadas pelas relações sociais, as quais dão forma à sociedade. Os indivíduos, no contexto urbano da Região Metropolitana de São Paulo, especialmente, nesses espaços de intenso comércio, podem participar de variadas formas de sociabilidade e os trajetos e negociações realizadas por eles acarretam em trocas econômicas e simbólicas para além dos códigos específicos da “cultura boliviana”³.

Como já dito, grande parte dos comércios informais é constituído por artigos chineses por meio de uma complexa tecnologia reproduzindo marcas mundiais, mas, também há produtos artesanais, como é o caso dos lenços equatorianos, trazidos diretamente do Equador por imigrantes que voltam ao país a fim de buscá-los. Este tipo de mercadoria apresenta um diferencial na Rua 25 de março. Na Feira do Marcos Freire, os produtos artesanais aparecem com mais força, artigos que vão desde chapéus até sacolas de palha. Já, os produtos dos bolivianos encontram-se, entre esses dois tipos de artigos, ou seja, entre os produtos chineses e os artigos artesanais.

À medida que os lenços equatorianos, os chapéus e sacolas da Feira apresentam uma estrutura comum, mesmo possuindo cores e estampas diferentes para oferecer mais opções ao

³ “Cultura boliviana” entre aspas, pois não podemos compreendê-la como única, há varias formas de cultura na Bolívia, mas neste contexto de imigração ela é muitas vezes homogeneizada.

consumidor, as roupas dos bolivianos apresentam formas distintas. Por mais que as peças de costura se centrem em camisas, parece haver uma distinção em coser a vestimenta de acordo com o gênero a que será destinado o produto. Por exemplo, camisetas são mais destinadas ao público masculino e são peças que parecem mais reproduções de marcas famosas como já dito. Já as blusas destinadas ao público feminino parecem ser mais artesanais; mesmo se ambas as peças forem costuradas por uma mesma família, levando-se em conta que há famílias que se especializam em apenas um tipo de veste e outras que são mais diversas.

Deste modo, podemos pensar que as roupas costuradas pelos imigrantes bolivianos encontram-se entre a singularidade cultural dos produtos artesanais e a massificação das mercadorias “*made in China*”. Ou seja, as formas de trabalho artesanal empreendida pelos bolivianos costurando camisetas são ressignificadas para o mundo da mercadoria, o qual está inserido num contexto de intensa globalização. A forma de costura, de acordo com as falas de todos os bolivianos com quem conversei, parece se repetir, já que as oficinas se encontram no mesmo local de moradia, funcionando segundo uma lógica familiar. Além disso, enquanto parte da família costura, outra parte sai para a Rua a fim de realizar o comércio.

2.2 FEIRA DO MARCOS FREIRE: DOMINGO TAMBÉM TEM TRABALHO

Durante a circulação na Rua da feira aos domingos o que se percebe é a apropriação da Rua como ponto de encontro e sociabilidade feita pelos moradores da região, à medida que muitos se deslocam até aquele espaço a fim, não só de realizar compras, mas também para conversar nas barracas, com seus respectivos donos, ou simplesmente para encontrar um amigo. No entanto, essa relação é mais desenvolvida pelos brasileiros que circulam pela região. Há imigrantes bolivianos que frequentam a feira para passeio, entretanto essa não parece ser a prática constante, ou seja, a apropriação feita pelos imigrantes bolivianos do local é diferenciada.

Aqui, o nosso ponto de atenção será voltado, principalmente aos imigrantes que também trabalham no âmbito da Feira do Marcos Freire, pois há a constituição de diversas relações entre os imigrantes e entre esses e os brasileiros.

Para os bolivianos há, nesta feira, uma apropriação do espaço urbano como uso qualificado da Rua, à medida que é ali que montam suas barracas para desenvolver parte do projeto da imigração. Os imigrantes que trabalham nos espaços da feira apresentam em seu

processo de migração a fabricação de roupas, as quais são vendidas em dois espaços. Durante a semana, esses bolivianos trabalham no Bairro do Brás, na cidade de São Paulo, e aos domingos se dirigem até a feira para vender as roupas que eles mesmos produzem.

Os ofícios da costura ficam a cargo dos familiares que compartilham os mesmos locais de moradia. É claro que nem todos os bolivianos que vivem na região dos Pimentas praticam a arte da costura, mas, grande parte que ainda desenvolve esse trabalho parece se centralizar na figura desses imigrantes do país vizinho. Do mesmo modo, há bolivianos que trabalham em oficinas de outras famílias que não a sua. Aqueles imigrantes que não estão com seus consanguíneos por perto, ainda carregam o sonho do retorno. Muitos imigrantes que ainda não são casados frequentam certos espaços para encontrar um companheiro, como é o caso das quadras de futebol da região, e até mesmo a própria feira. Mas, como direi mais adiante, esses laços que buscam ser constituídos parecem se limitar entre os próprios bolivianos, contrastando com outros migrantes que vivem e circulam por ali.

A presença de imigrantes paraguaios na região também é muito forte, mas os moradores do Bairro os classificam como bolivianos. No espaço da Feira, essas confusões não são explícitas, visto que não há paraguaios vendendo mercadorias, ou melhor, disputando identidades com os bolivianos que lá trabalham. Ao que tudo indica, a vinda de paraguaios está fortemente vinculada à costura, mesmo ramo de trabalho desempenhado pelos bolivianos na região.

Imigrantes bolivianos que possuem uma oficina, em que grande parte é a família que ali trabalha, não querem mais regressar à Bolívia, pois parece que muitos dos objetivos traçados pelos deslocamentos entre países se concretizou. O movimento realizado entre os imigrantes que chegam em parte do país é o de que primeiro vem o filho, ou o marido e aos poucos trazem a mulher e filhos, o irmão e sua respectiva família, até trazerem os avós. Tive a oportunidade de encontrar imigrantes que estão na região dos Pimentas desde a infância, sendo educados segundo a cultura de origem e a língua étnica pelos *abuelitos*, os quais chegaram ao Brasil alguns anos depois de seus filhos.

A língua é preservada como elemento demarcador de diferenças e de identificação étnica. Quando estão entre eles, não hesitam no uso da língua materna, mas ao estabelecerem relações comerciais, esforçam-se para serem compreendidos, embora muitas vezes não tenham grandes êxitos.

Voltando à questão da feira, o número de barracas de bolivianos varia de domingo para domingo. Há semanas que é possível ver duas, outras semanas três, ou até quatro (número máximo de estandes que presenciei). Tendo em vista que a Feira não é tão grande, a

forte circulação dos migrantes, não somente nas barracas, mas nos passeios pela feira dos migrantes bolivianos, demonstra a forte presença desta imigração na região. Principalmente porque, como já dito, os bolivianos não se evidenciam somente nas barracas, mas também no enorme número de imigrantes que andam pela Rua, seja para fazer compras de alimentos ou de produtos como DVDs e roupas, como também no uso da feira como um espaço de lazer, aonde vão para comer pastel e sair de casa – espaços esses que muitas vezes funciona como local de trabalho.

Logo, em minha primeira visita à feira, de longe avistei um homem com as características físicas marcantes dos povos andinos. Ele estava carregando um saco plástico e uma mesa dobrável debaixo dos braços. Ao chegar à feira, o homem parou e começou a montar uma barraca, colocando manequins que expunham peças de roupas que estariam à venda.

Tentei uma aproximação inicial, mas, logo a desconfiança prevaleceu. Quem é esta garota? O que quer? Quais são suas reais intenções? Acredito que essas perguntas devem ter sido as primeiras ideias que vieram à cabeça daquele homem. Não só dele, mas também na cabeça de todos aqueles com quem tentei conversar. Há uma enorme desconfiança em relação ao outro, mesmo estes imigrantes afirmando que as relações com os brasileiros são boas.

Quase todos os que conversaram comigo tiveram atitudes semelhantes. A princípio, uma extrema desconfiança que aos poucos foi se transformando em conversas agradáveis, à medida que falavam sobre um passado gostoso, acionando memórias da infância, com muitas dificuldades, mas de certa forma saudosista. Somente um dos imigrantes com quem falei parecia ter mais segurança. Ele se mostrava bem disposto a esclarecer dúvidas, mas, ao mesmo tempo, se engajava em diminuir os preconceitos a que estavam submetidos seus compatriotas.

Sempre carregava comigo uma revista que comprei na Pastoral do Migrante sobre os cinquenta anos da imigração boliviana no Brasil e meu relatório parcial de Iniciação Científica. Quando mostrava esses materiais percebia uma abertura maior para a conversa. Todavia, ao mostrar para o senhor Ramiro⁴, ele ficou meio inquieto e ressaltava que não fazia parte daquelas manifestações culturais, pois era cristão, embora ele se lembrasse de tais festas, como outros, na Bolívia. O que evidencia o caráter multiétnico da Bolívia – 30% da

⁴ Muitos imigrantes não se sentem bem em dizer seus nomes verdadeiros, outros nem ao menos dizem como se chamam temendo uma fiscalização, por este motivo e por uma relação ética com meus interlocutores, os nomes citados neste trabalho foram dados por mim aos imigrantes.

população pertence a etnia quéchua, 25% aimará, 19% pertence a outros grupos indígenas, 15% são de mestiços, 10% de brancos e somente 1% de negros (Silva, 8:2005).

Ramiro também desempenhava o papel de meu interlocutor para com alguns de seus compatriotas. E, aos poucos foi se desarmando e começou a falar comigo sobre alguns assuntos considerados *tabus* entre os bolivianos, como o caso do trabalho.

Como outros compatriotas, Ramiro trabalha de segunda a sábado num box no Brás em São Paulo, vendendo roupas fabricadas por sua família. A sua barraca era uma das maiores que vi na feira, e se localizava entre os CDs e as roupas jeans (de brasileiros). Também havia outra – de bolivianos – vendendo peças de roupas, que se encontrava ao lado da entrada da feira. Todas estas parecem seguir uma mesma lógica, ou seja, não estavam nem dentro e nem fora da feira, elas estão numa situação de *liminaridade*. Tal fato poderia representar um reflexo da própria condição de ser imigrante: eles não estão nem dentro e nem fora da estrutura, não tem nacionalidade brasileira e não estão na sua nação de origem, sujeitos a modificar a realidade a qual se encontram, bem como modificar o contexto anterior.

Desse modo, pode-se notar que no espaço da rua, frequentemente, acionam-se estruturas hierarquizantes, as quais, muitas vezes, oprimem, já que somente os brasileiros que possuem as maiores barracas se encontram na “rua principal”. Enquanto os outros, com estruturas menores, principalmente aqueles que não estão no seu contexto nacional de origem, precisam disputar os espaços que restaram.

Ao questionar uma boliviana sobre o porquê de sua barraca ficar naquele espaço, só me disse que no centro da feira não cabia e era muito apertada; quando chegou, foi aquele lugar que encontrou disponível. Ademais, esta hierarquização pode acarretar numa certa insegurança e “timidez” dos imigrantes, já que estão constantemente sujeitos a preconceitos, à medida que o nativo não está acostumado com a presença do outro.

Vários imigrantes são reconhecidos, socialmente, por meio de estigmas atribuídos a eles pelos “estabelecidos”, e não existem enquanto cidadãos, pois são “indocumentados” ou clandestinos. A partir dessas situações as quais são vividas por muitos imigrantes, estes constroem estratégias de sobrevivência, “organizam-se socialmente, recriando os seus valores culturais em vista de uma nova imagem social de si mesmos” (SILVA, 14:1995).

Há uma relação de respeito entre eles, ao passo que são compatriotas e se sensibilizam com a situação a qual se encontram. Também é possível observar a comunicação no que se refere às relações comerciais com todos os outros que frequentam a feira.

Os imigrantes reconhecem um indivíduo como pertencente a determinado grupo, o qual é reconhecido pelos demais, à medida que se utiliza de alguns elementos. Durante

minhas observações, o que notei foi que estes imigrantes não, necessariamente, se conhecem, mas se reconhecem, uma vez que compartilham os mesmos símbolos, valores, hábitos, gostos semelhantes etc. como pertencentes a uma nacionalidade comum e também o reconhecimento da divisão de grupos internos. Pois, segundo DaMatta (1985), as diferenças não são demarcadas somente entre grupos sociais, mas também internamente dentro deles.

À medida que os espaços são socialmente construídos, as ações dos indivíduos são formatadas pelas relações sociais, as quais dão forma à sociedade. Considerando o que diz Gilberto Velho, os indivíduos participam de mais de um grupo social, podemos considerar que esses trajetos, por eles percorridos, acarretam em trocas para além dos códigos específicos de um determinado grupo.

A circulação dos imigrantes bolivianos por entre as ruas da feira, raramente, se dá de forma individual. Isto é, eles sempre estão em grupos, seja com a família, ou com amigos, os quais podem dividir a mesma casa e o mesmo local de trabalho, “*Los bolivianos son muy familia, incluso nas oficinas*”, disse-me Ramiro. Pois, se os imigrantes não constituem uma família, eles tendem a criar grupos que circulam nos espaços em que se estabelecem as relações sociais mais amplas, para assim constituí-las, neste caso na feira. Mas, dificilmente, há a circulação de imigrantes em grupos que não sejam aqueles anteriormente dados. É possível vê-los cumprimentando-se uns aos outros, se respeitando, mas não há uma rede de sociabilidades para além disso.

Mesmo no ato público da venda de um produto, o qual faz com que vendedores ampliem suas relações mediante as estratégias de “sucesso econômico” – implicadas no projeto da imigração – e de sobrevivência do grupo no contexto social, também não constitui grandes redes de sociabilidades fora dos consanguíneos.

A feira é vista numa relação de trabalho para estes, e de lazer para aqueles que estão com suas respectivas famílias e grupos. Até aqueles imigrantes que permanecem na feira durante o dia, não constroem relações mais amplas com os frequentadores do comércio. Somente trocam algumas palavras a mais com os donos das barracas vizinhas, sobre assuntos formais de trabalho, não construindo elos de amizade.

A venda das mercadorias dos imigrantes bolivianos não é feita de forma tão intensa na Feira do Marcos Freire, no entanto, é preferível vender cinco peças de roupas a não vender nada. Os bolivianos chegam à feira por volta das oito horas e lá permanecem até às treze horas, quando se retiram para suas casas. Há uma forte relação estabelecida entre alguns consumidores brasileiros e as mercadorias bolivianas, visto que os produtos apresentam preços acessíveis aos frequentadores da Rua, muitos, inclusive, parece terem estabelecido

laços de fidelidade com as bancas dos imigrantes, como o caso de uma moradora do Bairro que compra roupas de uma boliviana todos os domingos,

as roupas que ela vende são lindas e muito baratas, não tem como não comprar. Onde você encontra uma blusa desse jeito por cinco ou dez reais? Quando eu chego em casa com uma sacolinha na mão, minha filha me fala: passou lá na banca da boliviana de novo né? Venho aqui todos os domingos para saber se tem coisa nova

Essa fala de uma mulher brasileira é bem significativa para compreender o lugar que os produtos bolivianos assumem nos mercados.

Se, por um lado, os imigrantes bolivianos sofrem preconceitos por parte dos nacionais, principalmente em outros contextos, os quais não são o foco aqui (como o caso de crianças e jovens bolivianas que frequentam escolas brasileiras), por outro, os produtos por eles fabricados e comercializados parecem ter grande aceitação no mercado brasileiro. Isso fica evidente vendo-se a quantidade de donos de oficinas de costura que vão até à Praça *Kantuta* procurar costureiros, principalmente, nos meses que antecedem os períodos festivos de final de ano.

Todavia, não podemos esquecer que são os produtos dos bolivianos que são aceitos nos mercados, e não as suas presenças, fato que contribui para as relações fechadas entre o grupo constituído no interior da casa. Além disso, as sociabilidades entre os diversos grupos de bolivianos podem ser impossibilitadas, dentre outros motivos, pelo fato de haver certa circularidade entre eles. Ou seja, muitos que hoje estão na feira, podem não estar amanhã. Certo domingo, encontrei um casal, dono de uma barraca, todavia, este nunca mais apareceram e segundo uma mulher boliviana eles não irão mais. Essa situação pode representar aquilo que Sayad (1998) classifica como uma das categorias do imigrante: a mobilidade, à medida que um imigrante é uma força de trabalho provisória e em movimento, modo que lhe foi condicionado; mesmo que passar a vida inteira no país imigrante, ele sempre será um imigrante.

2.3 RUA 25 DE MARÇO: SÃO MUITAS DISPUTAS EM JOGO

Quando ingressei na Rua para iniciar meu trabalho de campo, pensei que todos aqueles indivíduos com características físicas marcantes, próprias dos povos andinos, eram bolivianos. Mas, aos poucos, a partir de conversas com os próprios imigrantes, pude perceber que entre eles se encontravam não só bolivianos, mas também, peruanos e equatorianos.

Juntamente com os imigrantes dos países vizinhos, os bolivianos, até onde pude perceber, estão na categoria dos ambulantes, os quais vendem produtos nas ruas “calçada” andando de um lado para o outro do complexo da Rua 25 de março até a fiscalização aparecer. Não há lugares fixos para o desempenho do trabalho, o que há é a circulação não só pela Rua 25 de março propriamente dita, mas também pelas ruas adjacentes. Quando se fixam num determinado local, eles precisam disputar com outros atores que circulam pelo espaço urbano, sejam os próprios ambulantes – independente da nacionalidade – ou carros e consumidores.

Embora os bolivianos presentes na Rua 25 de março se identifiquem enquanto bolivianos e os diferenciem dos demais por alguns traços físicos e diacríticos, eles procuram não se concentrarem todos num mesmo local, já que, para um de meus interlocutores, Juan, isto poderia colocá-los em evidência por conta da fiscalização. Aqui se nota uma hierarquização em preferência de apreensões.

É possível perceber divergências nos discursos dos imigrantes, pois o mesmo boliviano me disse que não importa se você é boliviano ou brasileiro, o que importa é se você é ambulante, pois o “rapa” apreende independente da nacionalidade. Porém, por que não trabalhar junto com seus compatriotas se todos são iguais? Não se pode esquecer que as hierarquias no cotidiano são acionadas como um princípio estruturante da sociedade, a fim de normatizar as ações dos indivíduos. É por meio das ações de hierarquias que o cidadão brasileiro – muitas vezes, é o que sofre com as hierarquias sociais de seus próprios nacionais – e o Estado procura socializar o imigrante nos “padrões” que julga ser o legítimo de uma lógica nacional.

No final do ano de 2009, pude presenciar algumas apreensões de mercadoria. Durante os anos anteriores, quem fazia a fiscalização da rua era o famoso “rapa”, mas hoje este papel está a cargo da PM, o que mudou, significativamente, o trabalho dos ambulantes. *“Con el rapa era posible trabajar, pero con la policía no dá”, “hoy está difícil”, “no consigo vender mucho”*. Estas frases foram ditas por imigrantes que encontravam grande dificuldade em trabalhar no período do Natal. Nesse período, era possível andar pela rua principal da Rua 25 de março e não encontrar um ambulante, somente os mesmos camelôs que tinham licença para o trabalho. Mas, ao se afastar para o final, já na Avenida Senador Queiroz era possível avistar muitos vendedores. Hoje, como já descrito, é muito difícil encontrar qualquer ambulante por todo o complexo da Rua 25 de março.

Justamente, na Avenida Senador Queiroz encontrei Juan, o qual eu havia procurado por um certo dia inteiro, o reconheci porque portava o mesmo boné do Corinthians de outras

vezes. Ao seu lado, encontrava-se um peruano que vendia bonés e trabalhava com a irmã na Rua (que estava em outro ponto vendendo o produto). Eles começaram a me explicar que estava muito difícil trabalhar naquele final de ano, e que, não fazia muito tempo, os policiais intensificaram a fiscalização. Em meio a nossa conversa, surgiram dois PMs que correram atrás de um “*chino*”, agarrando-o pela gola da camisa, derrubando-o no chão. Logo depois que o último caiu, o policial apreendeu a mercadoria – uma tábua de isopor com vários óculos de sol presos a ela – e saiu andando esbravejando palavras de ordem como, “*sabe que não pode vender, então por que continua?*”. Os outros vendedores que estavam daquele lado da Rua saíram correndo ao ver a fiscalização se aproximar.

À medida que os policiais caminhavam em direção à Rua 25 de março, os ambulantes retornavam aos seus postos e gritavam para os primeiros, xingando-os de “coxinha” e ladrões. A Avenida Senador Queiroz é uma larga avenida que possui duas pistas, sendo separadas por um canteiro, uma que sobe e outra que desce.

Os vendedores se concentravam todos do outro lado da avenida, mas, mal eles se reinstalaram, os PMs retornaram, e tiveram que fugir novamente. Durante um tempo, os policiais ficaram apenas de um lado da Avenida Senador Queiroz, observando o que estava acontecendo do outro lado. Até que resolveram fazer apreensões na avenida inteira, o que levou os ambulantes a descerem até a Rua da Cantareira, à procura de um local mais ou menos tranquilo para trabalharem, o que não foi muito fácil.

Nesse tempo em que fiquei observando a movimentação, pude perceber a escolha feita pelos policiais das mercadorias que seriam fiscalizadas, pois estes atravessaram a Rua e abordaram um homem, o qual portava um saco preto em uma das mãos e na outra carregava uma espécie de mini-estantes portáteis de madeira e corda, depois de algumas palavras trocadas o deixaram sair. Porém, quase no mesmo instante saíram correndo atrás de um outro ambulante que vendia caminhas de cachorro, pegaram os produtos e não falaram mais com o vendedor. Muitas pessoas que observavam a ação da polícia soltavam palavras de indignação.

Em um outro momento presenciei o retorno de policiais à avenida Avenida Senador Queiroz. Eles haviam abordado duas imigrantes dos países vizinhos. O PM que falava com elas foi um pouco mais gentil do que os outros que eu tinha visto até então. Ele explicava pra elas que não poderiam fazer aquilo, que é errado e que se não tomassem cuidado as coisas poderiam ficar muito feias; as duas ficavam com as cabeças baixas e só assentiam o que ele dizia. Depois da conversa, o policial saiu sem pegar nenhuma mercadoria das *chicas*, até mesmo porque não havia muita coisa com elas, pois estava com um outro imigrante que logo veio saber o que o policial havia dito. Em conversa com um PM sobre a presença imigrante na

região, em específico os bolivianos, disse-me que não havia tido problemas com eles, exceto uma vez. Para o policial, eles *são um povo muito pacífico, ficam na deles e ainda escutam o que lhe dizem.*

Durante o final do ano, a parte do “complexo da Rua 25 de março” próximo à Avenida Senador Queiroz era mais movimentada do que a própria Rua em si, mas tal movimentação não era somente de ambulantes, mas também de consumidores que os procuravam.

Por conta de toda essa agitação, quando parava um consumidor para ver algum produto e o ambulante tinha que sair correndo, muita mercadoria era perdida, uma vez que algumas pessoas se aproveitavam da situação para conseguir um presente de Natal de graça. Juan, boliviano, ficou muito impressionado com uma moça brasileira que levou quatro camisetas dele e depois o procurou na Rua para lhe pagar, pois não teve a oportunidade no momento da compra porque ele saiu correndo da polícia.

O que me foi mais surpreendente é que, neste mesmo dia, em que pude registrar a intensa ação policial, um domingo de dezembro, também presenciei a Rua sendo invadida por milhares de ambulantes depois da hora do almoço – lá pelas duas da tarde –, e junto com eles veio um enorme contingente de consumidores. Não parecia a mesma Rua da manhã. A princípio, pensei que os vendedores haviam se rebelado contra a fiscalização, mas aos poucos percebi que não se via a presença de PMs no local. Encontrei Juan no meio daquela “bagunça”, o qual me disse que a polícia havia liberado pra eles trabalharem.

Antes, o “rapa” parecia apreender as mercadorias quando chegava outra ação do Estado para a fiscalização, ou quando queriam. Pois, era possível ficar o dia inteiro na Rua 25 de março e não ver sequer uma apreensão de produtos, porém, havia dias em que a polícia fazia uma “limpa” nos vendedores. Num dia de setembro de 2009, logo depois que acabara de chegar ao local, por volta das oito da manhã, parei em frente a uma loja e comecei a tirar fotos. Um senhor, que parecia ser sacoleiro, disse-me: *você perdeu, já estão guardando tudo*, perguntei com um ar de ingenuidade: *era a feirinha da madrugada?* O senhor me respondeu: *que nada, o “rapa” passou e levou tudo*. Ao olhar para o lado, pude ver um aglomerado de ambulantes com seus sacos fechados no chão e uma van da Guarda Civil Metropolitana, que logo após iniciou a ronda pela Rua.

Isso não parecia abalar o trabalho dos ambulantes, pois nem bem havia passado o ocorrido e eles já tinham se reestabelecido, em seus respectivos lugares ou em outros, com tanta força quanto antes.

Momentos depois do fato descrito, parecia-me que tudo estava correndo bem para os ambulantes, pois as pessoas estavam comprando e eles vendendo como se não houvesse

fiscalização, por isso, fiquei espantada ao saber que o “rapa” havia levado “tudo”. Mas pelo jeito, ainda havia muita mercadoria por ser vendida. Cheguei a pensar por alguns instantes que essas pessoas eram na verdade sacoleiros, mas quando os vi colocando as mercadorias nas lonas ao chão, percebi quem realmente eram. É interessante ver, como logo pela manhã, a rua já está invadida por vários indivíduos com os diversos objetivos.

A vida do comércio da Rua 25 de março parece começar antes do horário comercial, pois, mesmo com muitas lojas ainda fechadas, o comércio funciona a todo vapor. A Rua parece ter vida, porém, não é sempre que isso ocorre; a presença policial interfere nas vendas dos ambulantes, embora ela faça parte da própria dinâmica da Rua. Quando isso acontece, a Rua parece como outra qualquer, às vezes, é possível se questionar, *mas será mesmo essa a Rua 25 de março? Onde estão todas aquelas pessoas? E os ambulantes?*

Além disso, pode-se notar que os pontos preferidos dos ambulantes são as esquinas, espaços muito disputados. Inclusive, em uma das esquinas sempre encontro algum de meus interlocutores dos países vizinhos. Mas, a presença dos imigrantes nesses pontos não é tão comum quanto a de brasileiros, isso, porque era mais fácil encontrar imigrantes dos demais países da América Latina mais no final da rua, indo para o Parque Dom Pedro. Talvez, devêssemos nos perguntar se este fato ocorre por conta da diferença numérica entre brasileiros e imigrantes. Porém, mesmo não tendo as referências quantitativas de cada grupo nacional, às vezes parece que estou caminhando por uma “comunidade latino-americana” na Rua 25 de março.

Sempre se encontra um boliviano, ou peruano, ou equatoriano trabalhando entre os brasileiros. Ou mesmo num grupo pequeno de três no meio dos outros nacionais. Dependendo das circunstâncias em que se encontram, se chegaram mais cedo, ou mais tarde; se a fiscalização passou ou não, muitos tendem a ficar juntos, talvez não por opção – pois, como já dito, alguns não gostam de se unir para não ficarem em evidência – mas pelas condições postas pela Rua e pelos indivíduos que a constroem.

É comum ouvir sempre palavras de preconceito contra as imigrações dos países vizinhos pela Rua. Muitas vezes, esses indivíduos são culpados pelos brasileiros por estes últimos não conseguirem trabalhar por causa da intensa ação policial no local, ou porque um dos imigrantes ocupou o “*lugar reservado pra quem já trabalhava lá há muito tempo*”.

Há aqueles bolivianos, equatorianos e peruanos que conversam bastante com os companheiros de ofício brasileiros, mas, há também os mais tímidos. Geralmente, esses últimos são as mulheres, as quais parecem se limitar a responder o que lhes é perguntado. Todavia, isso parece ocorrer somente para os nacionais, pois elas falam bastante com as

outras migrações dos países vizinhos, principalmente, as bolivianas e peruanas. As equatorianas ficam mais restritas aos grupos em que estão trabalhando, já que, dificilmente, se pode ver uma delas trabalhando sozinha.

2.4 FORMAS DE VIVER, DE TRABALHAR E DE SOCIALIZAR

Pode-se notar grandes diferenças entre os espaços a que me proponho a trabalhar. A Feira do Marcos Freire possui características particulares de outras feiras populares, o que pode ser compreendido a partir do histórico da própria cidade de Guarulhos, a qual tem em seu processo de formação a vinda de vários migrantes que para lá se dirigiram com o objetivo de trabalhar nas fábricas instaladas na Rodovia Presidente Dutra. Ao longo dos anos, com o desenvolvimento da região dos Pimentas, houve um aumento do fluxo migratório, e, hoje em dia, de migrantes dos países vizinhos. Essa situação se reflete na composição da Feira Marcos Freire. O mercado informal nesta região abrange, principalmente, uma rua, mas outros comerciantes se aproveitam da movimentação na Feira para comercializarem seus produtos nos arredores do local. No entanto, esse espaço não tem as mesmas proporções que a Rua 25 de março, isso, porque os consumidores que frequentam a feira são principalmente os moradores do Bairro que veem o local, também, como ponto de encontro e sociabilidades.

A Rua 25 de março ganhou grandes proporções ao longo dos anos, e é vista como parada oficial de muitos sacoleiros que vêm até a cidade de São Paulo para realizar compras na famosa Rua paulistana. Pelo seu sucesso comercial, muitos indivíduos enxergam no comércio informal uma alternativa de subsistência, visto que, para muitos, as dificuldades de conseguir emprego com carteira assinada é muito difícil. Nesse sentido, muitos migrantes que se arriscam do outro lado das fronteiras nacionais, a fim de conseguir melhores condições de vida, vêm à Metrópole Paulistana para apreender seu projeto de vida.

O indivíduo tem liberdade de fazer escolhas e a imigração é uma delas e está inserida num campo de possibilidades dado pelo grupo simbólico ao qual pertence, ou seja, posto socialmente. Cada um tem uma trajetória pautada por um projeto que acarreta nos mais variados objetivos os quais dialogam com aquele grupo a que está inserido. O projeto é público e valorizado socialmente, pois, assume interesses dos grupos; é o projeto que dará coerência às experiências cotidianas fragmentadas que o agente vive, esse está no âmbito das negociações. Todavia, igualmente como o indivíduo muda, a partir das novas realidades que lhe são colocadas, o projeto também pode mudar, ele é relacional, podendo modificar também

as relações entre o imigrante e a sociedade, seja ela a sua original ou não. Segundo Velho (1981), isso pode ser compreendido como potencial de metamorfose, ou seja, é a capacidade de transmutar nos diversos ciclos de significados que o indivíduo perpassa.

Apesar das diferenças entre os dois espaços aqui trabalhados, percebe-se que há o uso qualificado das Ruas pelos atores que por elas caminham. No caso da imigração boliviana, pode-se dizer que há formas distintas de apropriação do local de trabalho, visto que, são espaços distintos, mas, em muitos momentos, os bolivianos que circulam nesses espaços parece demonstrarem algumas características que sugestionam certa idiossincrasia dessa imigração.

Diferentemente da Rua 25 de março, nas Ruas da Feira do Marcos Freire, não só bolivianos, mas todos os que trabalham, nesse lugar, conseguem comercializar com muita tranquilidade, mesmo aqueles, que não possuem uma barraca “formalizada” pela administração pública, não enfrentam problemas com a fiscalização.

Os bolivianos, que ali comercializam suas mercadorias, dividem os espaços com diversos atores brasileiros, principalmente, migrantes provenientes das Regiões Norte e Nordeste do Brasil. Mas, as mercadorias dos bolivianos são diferentes dos produtos vendidos pelos nossos nacionais, os quais vendem verduras e legumes, CDs e DVDs piratas, roupas íntimas, especiarias do Norte, produtos artesanais da região (como chapéus e sacolas de palha). Imigrantes da Bolívia que trabalham nesta Feira vendem roupas, as quais são produzidas por parte da família em suas próprias oficinas, enquanto outra parte vai até o local para vendê-las. Em situação semelhante se encontram os bolivianos que trabalham na Rua 25 de março, pois esses imigrantes também comercializam roupas costuradas pelos familiares que se encontram na capital paulistana.

Essas mercadorias, de um modo geral, em ambos os espaços, seguem uma linha, principalmente as blusas femininas. São, em sua maioria, roupas coloridas, muitas marcadas por listras e tecidos leves. No caso da feira, os modelos parecem variar mais do que na Rua 25 de março, pois há a fabricação de vestidos e saias. Já no outro espaço em questão, as vestimentas são mais padronizadas. Há blusas femininas que seguem os padrões daquelas vendidas na Feira do Marcos Freire, mas com menos opções de modelos, há camisetas masculinas as quais apresentam uma ressignificação dos modos de costurar.

A Rua 25 de março é um mundo marcado pelo *made in China*, os produtos bolivianos passam a compor um lugar intermediário entre os artesanatos vendidos na Rua e as

mercadorias massificadas produzidas e comercializadas pelos *chinos*⁵. Ao mesmo tempo que os imigrantes provindos da Bolívia apreendem a cultura do país de origem nas formas de costurar adquiridos do outro lado da fronteira; quando se inserem neste mercado de intensa globalização, eles adaptam formas de costurar camisetas imitando marcas famosas, como *Adidas, Pulman, Nike, Coca-Cola*. No entanto, esse fato não exclui produções de roupas, voltadas ao público masculino, que sejam mais personalizadas, embora apareçam em número mais reduzido do que as citadas. Isso, porque as camisetas “da globalização” são vendidas por um baixo valor, o que contribui para sua maior circulação no mercado, diferentemente das outras roupas comercializadas, tanto na Rua 25 de março, como na Feira do Marcos Freire.

A situação de estar no mundo do migrante, também, é marcada por tensões nos espaços da Rua, os quais são muito disputados por todos os atores que ali trabalham. As hierarquias acionadas neste contexto se manifestam de diversas formas, seja na preferência de apreensão da mercadoria, por parte da fiscalização do Estado, seja nas falas dos imigrantes e dos brasileiros e em ações cotidianas que acabam sendo naturalizadas no dia a dia. Embora, os bolivianos dividam os mesmos lugares com brasileiros, esses últimos – em momentos de intenso conflito, principalmente com os policiais – parecem culpar os imigrantes, não só bolivianos (também há na Rua a presença de equatorianos, peruanos, senegaleses etc), por não conseguirem trabalhar em determinados momentos. Além disso, numa Rua como a Rua 25 de março, em que o dinamismo passa ser parte de sua identidade, na maior parte das vezes, torna-se difícil demarcar a “sua área”. Desse modo, cria-se estratégias para desempenhar a melhor venda, mesmo que a opção adotada seja a de culpar o outro por situações que todos os ambulantes desenvolvem.

O que percebo com os imigrantes bolivianos é uma relação de sociabilidade maior com os outros imigrantes dos países vizinhos, e não tanto com os brasileiros. No entanto, esses imigrantes não se fecham num grupo específico, pois em determinados momentos, precisam acionar certas identidades, seja a do boliviano, ou a do latino-americano, ou ainda do ambulante, para enfrentar os conflitos que são postos na Rua 25 de março. Ainda precisam ampliar certas relações mediante ao consumidor, a fim de garantir o sucesso da venda do produto. Já na Feira do Marcos Freire, os bolivianos parecem não estabelecer redes sociais mais amplas com os demais atores que circulam pela Rua, mesmo no ato público da venda.

⁵ A presença chinesa na Rua 25 de março é muito forte. No entanto, parece não haver uma problematização das nacionalidades deles segundo os bolivianos. Para eles, os asiáticos na Rua são todos chineses, ou melhor dizendo, “*chinos*”. Talvez, isso ocorra por serem, provavelmente, a maior migração de orientais no local e, serem eles os que movimentam grande parte do comércio realizado ali, como é o caso dos shoppings locais.

Somente, trocam algumas palavras a mais com os donos das barracas vizinhas, sobre assuntos formais de trabalho.

Algo que é comum, tanto na Rua 25 de março, como na Feira do Marcos Freire é a circularidade entre os imigrantes bolivianos. Quando circulamos pelos dois espaços, não temos garantia de que vamos encontrar os mesmos indivíduos que trabalharam lá no mesmo dia, ou na semana anterior. Muitas vezes, tive tentativas frustradas de encontrar meus interlocutores, mas, esses já não mais trabalhavam nos locais, ou passavam dias sem aparecer. No caso da Rua 25 de março, essa situação se agravou desde o mês de dezembro de 2009 visto que, houve uma intensificação na fiscalização da rua, impossibilitando o trabalho de muitos ambulantes.

A Feira do Marcos Freire é vista como mais uma alternativa de trabalho aos bolivianos, visto que muitos trabalham em outros locais da Região Metropolitana de São Paulo ao longo da semana. Ramiro, um de meus interlocutores, que trabalha na Feira do Marcos Freire aos domingos, possui um box no Bairro do Brás, no qual vende as roupas costuradas por sua família, de segunda a sábado.

A partir de todas essas questões levantadas, não podemos compreender a imigração boliviana como sendo única, visto que, cada um dos homens apreendem projetos de vida distintos, cada um possui um repertório cultural que irá exteriorizar a partir das condições em que se encontrarem. Neste sentido, imigrantes bolivianos que trabalham na Feira do Marcos possuem formas de viver, de trabalhar e de socializar diferentes da imigração que se encontra na Rua 25 de março. Assim, como a cultura boliviana não é um todo homogêneo, principalmente, porque a Bolívia é um país multiétnico, sua imigração também não o é. Apesar de ambos os locais de trabalho ser em mercados informais da Região Metropolitana de São Paulo, os espaços urbanos estão inseridos em contextos que obrigam os indivíduos a acionarem diferentes formas para lidar com o trabalho e com os diversos atores que compõem o cotidiano.

3. CONSTRUINDO IDENTIDADES

Ao aportarem num novo contexto, diferente daquele que não é o seu nacional, a vida do imigrante passa a ser demarcada por tensões e estranhamentos. Em muitos momentos, à medida que os nacionais brasileiros não se sentem acostumados com a presença do “outro” em determinados locais, acabam por colocar em xeque a presença dos imigrantes e, também, as políticas públicas, ou a ausência dessas, sobre a condição em que se encontram diversos indivíduos que não são brasileiros.

A posição vulnerável em que se encontra o imigrante se dá pelo fato de sua posição de estrangeiro oriundo de outra nação. Dessa forma, ele se funde naturalmente às características da nacionalidade para fazer desaparecer sua posição de imigrante. Todavia, a condição social do imigrante e sua hierarquização na sociedade presente, tem como efeito lembrar a sua origem nacional.

Assim, conforme o convívio intenso do imigrante com o país receptor, quando há o deslocamento para outro contexto – neste caso da Bolívia ao Brasil – vários elementos da cultura de origem são acionados numa tentativa de auto-afirmação enquanto ser boliviano. Entretanto, não podemos falar de uma importação de cultura. É mais o que Ulf Hannerz (1997) chama de hibridismo, ou seja, há uma aproximação, combinação e (re)significação dos símbolos destes imigrantes com os da cultura local, contribuindo para novas formas de identidades, diferenciando-os socialmente.

Certo que grande parte do cotidiano da Bolívia ficou na memória, mas os indivíduos incorporam valores e modos de viver e de se vestir que não se alteram, facilmente, em outros contextos culturais, mas, que adquirem novas tonalidades expressivas no contraste com o “outro”.

Aqui estão em jogo dois conceitos chave da Antropologia: Alteridade e Identidade. Desde o nascimento da Antropologia, a questão da alteridade, como a questão do outro tem sido de valor fundamental, à medida que indivíduos advindos de contextos distintos produzem uma imagem acerca do outro dependendo da posição em que se encontra.

Ao cruzar as fronteiras geográficas do país de origem em busca de trabalho, a vida do imigrante, a partir daí, passa a ser marcada por tensões e estranhamentos, já que ele se torna o outro frente ao nacional. A inserção do migrante em um novo contexto modifica seus padrões de comportamento e as relações sociais, mas, essa última, por sua vez, altera o que ocorre no cotidiano da sociedade. Para os recém-chegados, essas mudanças implicam em grandes

desafios. A princípio, se tem o desafio dos preconceitos, dos estereótipos construídos e transformados em diferenças étnico-culturais.

Assim, como nós construímos uma alteridade a partir das diferenças dos imigrantes bolivianos, eles, também, constroem uma acerca de nós e dos diversos outros que compõem os cenários analisados. Isso contribuirá para que a inserção, neste contexto de intensa diferença, seja analisada e percebida de modo singular por cada um, ou até de modo menos acachapante, à medida que cada um possui um repertório, onde, segundo Manuela Carneiro da Cunha (1986), irá buscar, dependendo do evento, traços culturais isolados do todo, que servirão de sinais diacríticos para uma identificação étnica. Se pensarmos segundo Cunha, "um mesmo grupo pode usar identidades diferentes, dependendo do interesse específico que quer explorar"; "a estrutura interna deste grupo, no caso os bolivianos, tende a refletir as estruturas que definem os outros grupos com os quais deve relacionar-se" (Cunha, 1986).

De acordo com alguns estudos realizados, acredito que, pelo menos na região dos Pimentas, há a construção do ser boliviano, mas a partir disso questiono: o que faz com que preservem uma identidade construída nos domínios nacionais? Ou, o que leva o imigrante a assumir uma identidade?

Alteridade expressa por meio das identidades, não é mais vista como um problema somente de ver o outro como ser diferente, mas como um produto social e histórico, já que grupos étnicos são organizados politicamente em vista do "aqui e agora". Assim, muitos imigrantes oriundos de uma mesma nacionalidade podem compartilhar de uma mesma identidade posto que compartilham interesses políticos e econômicos comuns.

A identidade, para Fredrik Barth (1998), é negociada, é reconhecida de tal modo como se reconhece um grupo étnico, por exemplo, a partir de uma organização política e do autoreconhecimento de pertencer a um determinado grupo e do "outro" vendo-o como pertencente àquele grupo que o próprio indivíduo se reconhece enquanto membro. A constituição do grupo só existe para que seja possível demarcar as diferenças dos outros, já que podemos compreender as fronteiras que os separam por distinções sociais.

Não podemos esquecer, porém, que não estamos falando de qualquer contexto em que esta imigração está inserida. Aqui, o elemento urbano sempre presente, é o espaço do inesperado, onde as tramas são tecidas. Assim, como a identidade, o espaço também é socialmente construído (DaMatta, 1985), as ações dos indivíduos são formatadas pelas relações sociais que dão forma à sociedade. É, também na rua, onde se estabelecem as relações sociais de forma mais ampla, pois ela consegue reunir, na experiência da cidade, uma

síntese de todas as relações públicas. É onde fazemos escolhas dos papéis os quais iremos desempenhar, e também, pode ser vista como o local do inesperado.

No espaço da rua, as identidades não são fixas, ou seja, estão em constante processo de ritualização à medida que há deslocamento de fronteiras, sejam essas físicas ou simbólicas. No caso específico da Rua 25 de março, trata-se de um lugar de imenso fluxo de pessoas de diferentes origens sociais, étnicas, regionais e nacionais, fluxo de dinheiro e tecnologias, bem como imagens e percepções distintas sobre aquele espaço singular. Nessa Rua se condensam relações e interações efêmeras que sintetizam o fluxo da vida cotidiana neste espaço de negócios e negociações de identidades.

À medida que os espaços são socialmente construídos, as ações dos indivíduos são formatadas pelas relações sociais, as quais dão forma à sociedade. Os indivíduos, no contexto urbano da Região Metropolitana de São Paulo, especialmente, nesses espaços de intenso comércio, podem participar de variadas formas de sociabilidade e os trajetos e negociações realizadas por eles acarretam em trocas econômicas e simbólicas para além dos códigos específicos da “cultura boliviana”.

Além disso, as hierarquias no cotidiano são acionadas como um princípio estruturante da sociedade, a fim de normatizar as ações dos indivíduos. É por meio das ações de hierarquias que o cidadão brasileiro – muitas vezes, esse é o que sofre com as hierarquias sociais de seus próprios nacionais; e o Estado, também, procura socializar o imigrante nos “padrões” que julga ser o legítimo da lógica nacional.

3.2 SER BOLIVIANO NUMA FEIRA

No processo migratório as identidades passam por uma resignificação. Ao cruzar fronteiras, várias alterações ocorrem na vida do imigrante. Seu cotidiano não é mais o mesmo da Bolívia, o espaço no qual está inserido pode implicar numa ritualização das suas identidades que o acompanha onde quer que ele vá, seja no seu local de trabalho, no local onde vive, ou simplesmente no caminho que percorre para fazer qualquer atividade rotineira.

À medida que o Bairro dos Pimentas está afastado do centro da metrópole, criam-se identidades, as quais se refletem no modo de apreensão no trabalho e na concepção do contexto em que estão inseridos.

Como dito anteriormente, esses imigrantes não, necessariamente, se conhecem, mas se reconhecem, uma vez que compartilham os mesmos símbolos, valores, hábitos, gostos

semelhantes e etc. Fato exemplificado nas relações que estabelecem na Feira do Marcos Freire. Há uma apropriação do espaço urbano como uso qualificado daquela Rua, pois, é ali que os imigrantes montam suas barracas para vender as roupas que eles mesmos produzem. À medida que os conflitos enfrentados pelos bolivianos não são tão exteriorizados, como no caso da Rua 25 de março, e também, não são tantos como no outro contexto, ou melhor, são diferenciados, esses imigrantes não parecem perpassar por diferentes grupos identitários. O que se explicita é a posição do ser boliviano.

Acredito que haja uma tentativa de construção de uma singularidade nacional em oposição ao outro (seja o brasileiro ou outros latino-americanos), fruto do sentimento de pertencer a uma mesma cultura, a uma mesma nação, ampliando as fronteiras. Algumas características que remontam ao contexto da pluralidade étnica nacional não se evidenciam de forma tão expressiva. já que todos aqueles com os quais conversei afirmaram que não pertencem a nenhum grupo étnico, porém, quase todos falam ou compreendem línguas indígenas que advêm desses grupos. Entretanto, o que se evidencia na Bolívia e reflete neste contexto de imigração é a sobreposição de grupos com maior poder econômico, como nos foi possível observar nos plebiscitos ocorridos por toda a Bolívia⁶.

Esta situação poderia estar marcada pelo “estar no mundo” do imigrante, o qual possui um centro, que estaria vinculado à imagem estereotipada que os cidadãos do país receptor atribuem aos novos moradores.

O centro, ou melhor, a centralidade estaria ligada à construção de uma identificação neste novo cenário. Observando a imigração boliviana no Brasil, percebo que este “jogo da centralidade” possa estar presente. Por mais que estes imigrantes tenham (re)construído suas identidades em outra nacionalidade – como, por exemplo, observo no caso do vestuário, pois muitos costumam se vestir de maneira típica dos brasileiros, com bermudas, camisetas e bonés –, há um enorme cuidado com a cultura que trouxeram consigo do país de origem. Para alguns, a própria questão da vestimenta (pois ainda vejo a utilização dos lenços e dos tecidos coloridos típicos dos altiplanos andinos; as longas saias não tão rodadas quanto as

⁶ Durante o ano de 2008 vários referendos, feitos por grupos econômicos bolivianos, ocorreram por toda a Bolívia para validar os estatutos que atribuem mais autonomia aos departamentos de Santa Cruz de la Sierra (região mais rica da Bolívia), Beni, Pando e Tarija (juntos os quatro departamentos representam cerca de 80% do PIB no país), mas o Governo Nacional não reconhece estes referendos por serem “separatistas” e “ilegítimos”. Os referendos defendem mais autonomia econômica e administrativa, principalmente no que diz respeito aos recursos de hidrocarbonetos no país. É importante notar que esses departamentos são governados pelos opositores de Morales. Os conflitos se iniciaram em 2006, quando o presidente Evo Morales assumiu o governo, à medida que sua política se voltou para uma forte intervenção estatal na economia para garantir o acesso a terras para povos indígenas e camponeses.

apreendidas no país de origem; as longas tranças nos cabelos das mulheres), e a utilização das línguas indígenas.

Nesta perspectiva, os elementos de diferenciação étnico-cultural são, ao mesmo tempo, fatores de afirmação da identidade nacional em um contexto interétnico, mas, também, de discriminação por parte dos brasileiros e entre os próprios imigrantes.

Penso na imigração boliviana como um constante deslocamento que coloca as identidades em constante processo de ritualização; onde quer que circulem no espaço urbano, serão eles mesmos, não deixarão de ser imigrantes bolivianos, com suas simbologias, reconhecendo seus compatriotas como igualmente bolivianos, por mais que haja uma disputa econômica em jogo. Assim, o oposto também é válido: nós, brasileiros, os reconhecendo como sendo o outro, pelas suas simbologias, suas características físicas marcantes etc. Mas, nesse, caso não conseguimos diferenciá-los segundo sua origem regional, ou seja, como provenientes do departamento de La Paz, ou de Oruro, ou de Cochabamba etc. Ademais, os imigrantes, mesmo com algumas reconfigurações, são acompanhados pelos estigmas que lhes foram atribuídos, pela centralidade a que estão sujeitos nessa situação de *liminaridade* vivida na imigração. Qualquer *evento*⁷ pode colocar a estrutura em risco, podendo modificá-la.

Tal identidade também é expressa por meio do código compartilhado da mercadoria, pois as roupas se assemelham entre os próprios indivíduos de uma mesma migração e se diferem, não só dos outros produtos vendidos na Feira, mas também, das outras vestes que são comercializadas por brasileiros no local. Além disso, outra situação compartilhada entre eles é o local de inserção no espaço da Rua, como o local da *liminaridade*. Espaços que restaram e são compartilhados, mas não de forma conflituosa, pois parece haver locais demarcados para cada barraca, à medida que cada um está no mesmo local em todas as semanas em que estão na Rua.

3.2 REDE DE IDENTIDADES NUM ÚNICO ESPAÇO

Durante o início de meu trabalho de campo, procurei apenas observar o movimento da Rua, procurando identificar meus interlocutores e como eles se relacionam com o comércio e com outros vendedores. Para mim, que trabalho com imigração boliviana desde o primeiro ano da faculdade, todos aqueles estrangeiros vindos dos países da América Latina presentes

⁷ Para Marshall Sahlins os eventos são acontecimentos plenos de significado que estão relacionados com a estrutura.

na Rua eu os classificava como bolivianos, pois pensava que todos assumiam características físicas marcantes como típicas dos povos indígenas das montanhas da Bolívia.

Todavia, com o decorrer do trabalho, ao iniciar as conversas pude perceber que aqueles aos quais julgava como pertencentes a uma mesma nacionalidade, eram não só bolivianos, mas também peruanos e equatorianos. Minha visão ingênua, a princípio, foi muito importante para perceber a forma como não somente eu, mas também parte dos brasileiros veem os imigrantes dos países vizinhos. Eu os classificava como bolivianos por ser meu objeto de estudo, mas outros poderiam muito bem classificá-los como peruanos, ou indígenas. Além disso, tal incidente feliz, se assim posso dizer, colocou-me outra ferramenta à disposição: se nós os generalizamos, como eles enxergam as diferenças presentes na Rua? Como se diferenciam dos outros latino-americanos a fim de se classificarem enquanto bolivianos?

Nesse sentido, minhas observações também passaram a ser guiadas pela relação estabelecida entre os bolivianos e as demais migrações dos países vizinhos. Percebi que não seria possível falar de imigração boliviana sem falar dos equatorianos e peruanos presentes na Rua 25 de março.

Este cenário de intensa diversidade étnica acaba por ajudar a caracterizar a Rua, diversidade esta que é refletida no modo de apreender a cultura adquirida no país de origem e ressignificada neste novo contexto por meio das mercadorias vendidas por cada migrante.

As diferenças também acabam por ser expressas nos demais âmbitos, além da mercadoria. Em suas falas de autodiferenciação são acionados traços diacríticos da identidade de cada migração. Por exemplo, as vestimentas das equatorianas. Grande parte das mulheres do Equador usam roupas típicas, como saias longas e escuras, blusas claras com rendas, os lenços que comercializam e seus cabelos são bem presos em “coquinhos”. Já, entre os homens, as diferenciações ficam um pouco mais difíceis. Perguntava aos bolivianos, peruanos e equatorianos como poderia diferenciá-los segundo a origem nacional de cada um deles. Alguns me respondiam quase se questionando que não havia muitas diferenças, mas era possível ver que os homens do Equador usam cabelos compridos; os bolivianos têm o rosto mais redondo que os demais. E os peruanos são mais parecidos com os equatorianos, todavia a maioria não usa cabelo comprido e tem o nariz mais longo.

Com essas imagens busquei perceber a construção das identidades nas diferenças étnicas e nacionais a partir da relação entre os diversos grupos presentes na Rua 25 de março. Assim, como descrito anteriormente, certos dados culturais são acionados e utilizados por cada nacionalidade de maneira que os diferenciem.

É possível perceber diversas identidades sendo tecidas na Rua. De modo que a identidade é relacional e dinâmica. Um indivíduo pode perpassar por diversos níveis identitários de acordo com as disputas postas nessa Rua de intensas relações comerciais, políticas, sociais e nacionais. Neste sentido, a imigração boliviana, estando presente nestes espaços, aciona uma série de identidades.

A princípio, vemos a identidade do ambulante, e à medida que estes imigrantes se encontram nesta categoria, se reconhecem e são reconhecidos como tais. Bolivianos e tantos outros que seguem o mesmo ofício criam certa identificação de ambulante, demarcando diferenças frente a diversas situações e grupos de indivíduos, como por exemplo, aos consumidores, aos camelôs fixos legalizados e aos vendedores de lojas por meio de estratégias de venda e pela dinâmica – já que uma hora estão num lugar e mais tarde podem ser encontrados do lado oposto da Rua. Ademais, há uma lógica própria demarcada na Rua, que nos dá pistas para diferenciá-los dentro deste mesmo grupo segundo as mercadorias vendidas. No mais, há uma forte defesa entre eles contra os ladrões. Se, em alguns momentos, ocorre certo conflito pela disputa do espaço, em outros, frente aos roubos, os indivíduos que exercem essa categoria se tornam cúmplices para repreender os ladrões e contra a fiscalização do Estado.

Num dado momento, pude observar um grupo de ambulantes, de várias nacionalidades, reunido em uma rua transversal à Rua 25 de março. Os ambulantes estavam todos com suas mercadorias fechadas em lonas, parados, esperando que a polícia desse espaço para reiniciarem as vendas. O que não aconteceu. Ao perceber uma aglomeração de possíveis “fora da lei”, a polícia se aproximava e era possível ouvir a voz de uma mulher gritando para seus companheiros “*vamos recuar, vamos recuar*”. Isso demonstra a defesa pela categoria em que estão inseridos.

Também se pode perceber uma segunda identidade acionada: a identidade do latino-americano. Aqui, ela se constitui em oposição às outras imigrações presentes na Rua, como é o caso dos africanos e também dos migrantes brasileiros. No entanto, é preciso deixar claro que a denominação de latino-americano é um pouco arbitrária de minha parte, à medida que não há a afirmação por parte deles de serem latino-americanos, e sim como pertencentes a um tipo de imigração característica das nacionalidades boliviana, peruana e equatoriana. Todos esses indivíduos se reconhecem como descendentes indígenas, principalmente quando se trata da mesma língua, em sua maioria, falam aimará, embora seja possível encontrar alguns que falam quíchuas.

Cada imigração proveniente destes países parece conhecer bem a realidade do outro, à medida que parecem se enxergar em cada boliviano, peruano e equatoriano, isto é, todos partilham experiências semelhantes no contexto da imigração neste contexto brasileiro, e também nesta Rua que é local de intensas disputas. Além disso, não podemos esquecer que parte dos brasileiros não consegue diferenciá-los segundo suas origens nacionais, parecendo afirmar ainda mais esta identidade. Todavia, não parece haver muitos incômodos se são confundidos uns com os outros, pois eles mesmos se questionam das diferenças quando lhes é perguntado acerca delas.

Por fim, penso que há uma terceira identidade, e neste caso é a do *ser* boliviano. Enquanto se vê uma identidade criada e bem exteriorizada por parte dos equatorianos, por meio de traços diacríticos e da constituição de um grupo, à medida que andam juntos, parece-me que há uma desconstrução da identidade boliviana, ou melhor, uma construção distinta neste espaço de intenso comércio e alteridade, daquelas construídas na praça *Kantuta*, em alguns Bairros de São Paulo e também na periferia de Guarulhos, “mesmo porque as identidades das partes não se dissolvem na identidade do todo” (Arruti, 26:2005). Isto é, não é porque os imigrantes bolivianos não se concentram, formando um grupo identitário forte, que eles deixaram para trás a cultura adquirida na Bolívia, sua forma de ser e de se expressar. Tal identidade é acionada para demarcar diferenças entre os próprios latino-americanos. A identidade boliviana está mais vinculada à mercadoria, visto que são produtos diferentes daqueles dos equatorianos e peruanos, e ainda a costura está ligada às experiências e memórias adquiridas do outro lado da fronteira.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já, há muitos anos, a cidade de São Paulo e sua Região Metropolitana tem sido o destino de muitas migrações, como de diversos países da América Latina, o que reflete nos mercados informais.

Devido às semelhanças físicas entre muitos latino-americanos e o desconhecimento da cultura de cada grupo nacional, os brasileiros encontram dificuldades em diferenciá-los, categorizando-os como sendo de uma única etnia. No caso da Rua 25 de março, outros grupos de imigrantes dos países vizinhos, como peruanos e equatorianos, são facilmente confundidos com os bolivianos. Penso que o motivo que leva os brasileiros a classificá-los como provenientes da Bolívia é porque essa imigração aparece em maior evidência na cidade, por conta das oficinas de costura que constantemente são alvo de fiscalização da Polícia Federal e essas ações são divulgadas pela imprensa. Além disso, a imigração equatoriana pode ser compreendida como uma nova tendência migratória.

A identidade dos mercados informais analisados pode estar pautada em seu dinamismo e diversidade étnica e nacional, expressos, também, nas mercadorias apreendidas para a venda. É o caso das roupas costuradas pelos bolivianos. Ao que parece, a opção pelo comércio por parte dos imigrantes da Bolívia não se fez devido ao abandono da costura em outros locais da cidade paulistana, mas como consequência dessa. Pois, diferentemente de alguns imigrantes que trabalham em oficinas de coreanos e de brasileiros (vivendo muitas vezes num regime de semi-escravidão), os imigrantes da Rua 25 de março e da Feira do Marcos Freire parece terem a própria oficina em casa. Enquanto alguns familiares costuram, outros vão até as Ruas comercializar.

Na Rua 25 de março, devido à quantidade de ambulantes presentes, os espaços da Rua são disputados, e por mais que alguns imigrantes não admitam é possível perceber que as disputas existem segundo algumas ações, como por exemplo, o fato de muitos ambulantes simplesmente fecharem as mercadorias pelas mãos num grande saco de plástico. Além disso, há algumas falas dos nativos, os quais pedem aos imigrantes para saírem do local de onde estão, já que esses espaços são “reservados” para quem trabalha por lá há muito tempo.

Assim, como as disputas pelo local são muitas vezes negadas, também são negados os conflitos enfrentados pelos ambulantes, principalmente se esses ocorrem entre brasileiros e imigrantes dos demais países da América Latina e entre os próprios latino-americanos. Como

são os casos descritos pela boliviana Luci e por alguns relatos de imigrantes bolivianos dizendo que os peruanos não aceitam acordos pré-estabelecidos para a venda na Rua.

No entanto, todos parecem concordar que há uma preferência inscrita nas apreensões feitas pela polícia, seja essa o “rapa”. Para eles, os principais produtos fiscalizados são os mais vendidos naquela época do ano, ou as mercadorias dos “*chinos*”, migrantes esses considerados como aqueles que mais têm dinheiro entre os ambulantes. Esses últimos também são alvo principal dos ladrões.

A fim de se defenderem, tanto da fiscalização do Estado quanto dos roubos, os ambulantes se unem. Assim, eles parecem constituir uma identidade de ambulantes, independente da origem nacional de cada um. Além disso, outras identidades são tecidas no âmbito da Rua.

Os bolivianos, em ambos os espaços estudados, assumem uma posição identitária de modo que parecem diluir seus elementos de composição étnica, porém, não é possível que ela desapareça. Eles expressam sua cultura por meio das mercadorias que vendem, da forma de ser, de se expressar e de ver o outro. Pois, assim como eu e muitos brasileiros não problematizamos quem são e não diferenciamos os latino-americanos, eles também não conseguem nos diferenciar segundo as diferenças regionais.

Ambos os espaços precisam ser percebidos de forma diferenciada. Nota-se em cada um deles, percepções diferentes da utilização do espaço urbano e também das estratégias de venda, pois os consumidores que vão até à Feira do Marcos Freire, se diferem dos consumidores que circulam pela Rua 25 de março. Nesse sentido, os modos de venda apreendidos pelos imigrantes bolivianos são distintos nos dois locais.

Na Rua 25 de março, torna-se necessário um maior dinamismo e percepção dos atores que circulam por lá, visto que precisam ficar atentos com a aproximação da fiscalização do Estado e também de ladrões que se aproveitam de momentos de desatenção dos comerciantes para furtarem alguns produtos. Ao passo que a Rua se constitui como um espaço de múltiplas referências, os ambulantes precisam colocar em destaque seu produto, para que o consumidor o escolha em meio à multiplicidade de artigos.

Essa situação faz com que os imigrantes bolivianos passem a observar seus companheiros de ofício, brasileiros, adotando modos de venda que considerem bem sucedidos, como, por exemplo, a linguagem. Essa aproxima os vendedores do público, facilitando a concretização da venda. Os ambulantes bolivianos chamam e mostram seus produtos aos compradores, “*amiga, amiga olha a camiseta*”. Eles não esperam que as pessoas

cheguem até onde estão para iniciar a venda, acompanham os consumidores durante o trajeto dos últimos na Rua.

Enquanto isso, na Feira do Marcos Freire, os imigrantes bolivianos que trabalham nesse espaço parece estarem acompanhados por certa timidez. De modo que não estão constantemente ameaçados pela fiscalização como no outro espaço aqui analisado, a maneira como dispõem os artigos é mais elaborado. Com uma mesa de madeira e manequins que vestem as roupas a ser vendidas, os imigrantes ficavam parados ao lado da mercadoria esperando que os consumidores se interessassem em comprar seus produtos. Quando lhes é perguntado sobre algo, com a voz baixa e um espanhol muito carregado, os imigrantes respondem o valor da mercadoria, ou demonstram outros modelos.

Apesar de estarem situados nessa zona do trabalho informal, a qual também é vista pela legislação brasileira como “ilegal” em muitos momentos, não só bolivianos, mas também ambulantes e tantos outros que estão inseridos nesses contextos, ajudam a movimentar os mercados formais e “legais” das regiões. Todos os indivíduos que circulam nas regiões de grande comércio, são consumidores em potencial, pois se faz necessário comprar matéria prima para costurar os produtos que serão comercializados nestes espaços. Ou seja, são esses trabalhadores informais que também ajudam a movimentar a economia em diversos setores da sociedade, principalmente, daquele que os cerca.

A importância de uma análise comparativa em espaços distintos pode nos ajudar a compreender que não podemos considerar a imigração boliviana como unidade cultural homogênea. E as diversas imigrações presentes na Região Metropolitana de São Paulo, precisam ser vistas em sua especificidade. Por mais que em determinados momentos a identidade do boliviano seja acionada, isso é feito em defesa da categoria do migrante, que busca ser reconhecido e obter o sucesso do projeto da migração. No entanto, de acordo com os contextos em que os diversos migrantes estejam inseridos, há necessidades distintas, seja na apreensão do trabalho, seja nas formas de sociabilidade.

Muitos bolivianos passaram, ao longo do processo de migração, várias situações conflituosas, as quais são exaustivamente exploradas pela imprensa brasileira. A versão a que os meios de comunicação mais se debruçam ao falar de bolivianos na região, se configura a partir do trabalho semiescravo, ao qual muitos, ainda, estão submetidos. Mas, o que se tem verificado, e o que pude perceber ao longo de minha pesquisa foi justamente o contrário.

Os imigrantes que para cá se dirigem, estão, cada vez mais, lançando mão de novas alternativas de valorização de si mesmos e de seus trabalhos, construindo oficinas em casa e

buscando, cada vez mais os mercados informais, visto que a inserção na sociedade brasileira se apresenta com uma série de empecilhos.

Tais desafios não são exclusivos da imigração boliviana. Grande parte dos migrantes que vêm para São Paulo, sejam eles provenientes de outras regiões do Brasil, ou não, estão sujeitos aos preconceitos latentes na Sociedade Paulista. É fato, que os imigrantes brasileiros sofrem menos do que migrantes não nacionais, mas, acho perigoso julgar que tipo de preconceito é mais prejudicial aos indivíduos, pois, dessa forma, poderíamos correr o risco de justificar determinadas ações contra a diversidade em nossa sociedade.

Desse modo, a compreensão das migrações é também a compreensão da diversidade em seus contextos, em busca da desconstrução e das representações estereotipadas, hierarquizadas e homogeneizadas estabelecidas no movimento das diversas relações do cotidiano entre os habitantes da Grande Metrópole. Isto poderia possibilitar uma maior compreensão do outro, enquanto detentor de direitos de trabalhar, de estabelecer o lazer, de criar e manter sociabilidades, principalmente no caso de ambulantes, os quais são vistos por muitos como ilegais, ladrões etc.

Durante o desenvolvimento dessa monografia e de minhas pesquisas, várias vezes, fui questionada acerca de duas questões: a primeira se norteia na categoria de latino-americano por mim atribuída aos imigrantes dos países vizinhos; a segunda se configura num provável desequilíbrio de informações entre a Rua 25 de março e a Feira do Marcos Freire.

O primeiro questionamento me fez pensar durante os últimos meses de pesquisa. Pois, muitas vezes, nós brasileiros, simplesmente chamamos nossos vizinhos de latino-americanos e não nos incluímos nesse contexto. Acredito que tal categoria nos é boa para pensar, de modo que pode nos revelar a posição em que o brasileiro acredita estar em relação ao restante da América Latina, fato que se evidencia nas formas de lidar com os imigrantes dos demais países vizinhos em território nacional. Talvez, situações vividas a partir desse suposto posicionamento não se reflitam em outro contexto, ou seja, quando um brasileiro troca de posição com os imigrantes, a atribuição ou não de latino-americano pode ser, ou não, supracitada.

Não pretendo me alongar nessa reflexão, visto que poderia escrever uma monografia inteira sobre ela. Mas, em respeito aos meus interlocutores, senti-me na obrigação de fazer esse apontamento para trabalhos futuros que poderão ser desenvolvidos.

Referente ao segundo questionamento, de natureza quantitativa de informações sobre meus locais de pesquisas, depois de muito pensar e analisar meus dados de campo, cheguei a uma conclusão bem mais simples do que imaginava, embora eu possa estar equivocada. Se há

um desequilíbrio de informações entre os espaços analisados, não é porque dei mais importância a um do que outro, e sim porque há situações que se configuram na Rua 25 de março de forma mais complexa do que na Feira do Marcos Freire. Nesse último espaço, como escrevi, não há conflitos com os aparelhos de poder do Estado como na Rua Paulistana, a qual também é marcada pelos conflitos internos na categoria dos ambulantes.

Os níveis de complexidade variam, o que não significa que um mercado seja mais importante que o outro, e, sim, são lugares diferentes, exigindo mais ou menos criatividade dos imigrantes que trabalham nas duas regiões. Como os trabalhadores da Feira, em sua maioria, possuem outro local de trabalho no Bairro do Brás em São Paulo, certamente a lógica de trabalho deles será diferente nesse outro espaço, de modo que é um espaço distinto, onde há a presença da polícia e o relacionamento deles com os demais indivíduos pode se dar de forma mais intensa do que na Feira. Aliás, nesse comércio do Marcos Freire há certa alternância de agitação e de tranquilidade, ou seja, há momentos em que a barraca dos bolivianos, assim como a Feira no geral, pode estar superlotada, e em outros momentos pode estar um marasmo.

A partir de toda a complexidade que se configura os mercados informais e a diversidade em que se inserem os migrantes bolivianos busco desenvolver em projetos futuros a configuração do maior mercado informal da América Latina: a Rua 25 de março. O trabalho desenvolvido acerca da imigração boliviana no local possibilitou-me refletir sobre uma série de questões que permeiam não só a presença dessa imigração, mas de outras nacionalidades e, também, como ocorre o desenvolvimento desse comércio a partir das relações entre aos ambulantes, independente da origem nacional.

Além disso, a escolha pela Rua 25 de março como local privilegiado de observação se deu a partir da percepção dos diversos conflitos que em muitos momentos são exteriorizados nesse local, mas que em muitas outras partes da cidade, aparecem de modo velado. Conflitos estes, os quais aparecem em diversos níveis: seja no nível entre os agentes do Estado e Sociedade civil, ou no nível entre os próprios agentes sociais. Um estudo na Rua 25 de março pode ajudar na compreensão de novas formas de relações econômicas, políticas e identitárias na Metrópole Paulistana.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, José Lindomar. *Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.
- ANDERSON, Benedict *Comunidades imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. Traducción de Eduardo Suárez. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- APPADURAI, Arjun. *A Vida social das coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói, RJ: Eduff, 2008.
- ARRUTI, José Maurício. *MOCAMBO - Antropologia e História do processo de formação quilombola*. Bauru: Edusc-Anpocs, 2006.
- BARBOSA, Andréa. *Significados e Sentidos em textos e imagens*. In: Imagem-Conhecimento. Antropologia, cinema e outros diálogos. Orgs. BARBOSA Andréa, CUNHA Edgar Teodoro e HIKIJI Rose Satiko. Editora Papyrus, São Paulo, 2009.
- BARBOSA, Andréa e CUNHA, Edgar Teodoro. *Antropologia e imagem*. São Paulo: Zahar, 2006.
- BARTH, Frederik. “Os grupos étnicos e suas fronteiras”. In: *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- CAYUBY Novaes, Sylvia *Imagem e ciências sociais: Trajetória de uma relação difícil*” IN: BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. *Imagem-conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos*. Campinas: Papyrus, 2009.
- BRASIL. Acordo de 25 de agosto de 2005, publicada no DOU nº. 179, de 16/09/2005, Seção 1 página 67. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/trab_estrang/acordo.pdf>
- BRASIL. Ajuste Complementar de 06 de setembro de 2006, publicado no DOU nº 176 de 13/09/2006, Seção I, págs. 54/55. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/trab_estrang/ajuste_complementar.pdf>
- BRASIL. Ofício Circular de setembro de 2006, Ministério do Trabalho. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/trab_estrang/oficio.pdf>
- BRASIL. Principais pontos do acordo com a República da Bolívia sobre regularização migratória de 15 de setembro de 2005. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/trab_estrang/pontos.pdf>
- CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano. 1. Artes de Fazer*. Editora Vozes, Petrópolis, 2009.

- CUNHA, Manuela Carneiro. *Antropologia do Brasil. Mito, História e Etnicidade*. Brasiliense/ Edusp, 1986.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua*. Editora Brasiliense: São Paulo, 1985.
- _____. *Carnavais, Malandros e Heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- DOUGLAS, Mary, ISHERWOOD, Baron. *O Mundo dos Bens. Para uma antropologia do consumo*. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.
- ELIAS, Nobert e SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro:2000.
- FRUGOLI, Heitor. *Centralidade em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2000.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- GEERTZ, Clifford. *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. In: *Revista Mana, Estudos de Antropologia Social*, Vol. 3, n.1, Abril de 1997, pp.7-39.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Feiticeiro e sua Magia*. In *Antropologia Estrutural*, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro: 2003.
- MACHADO, Igor José de Renó. *Estado-nação, identidade-para-o-mercado e representações de nação*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2004, v.47 n°1, p. 207-234.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. In *Sociologia e Antropologia*, Cosac Naify, São Paulo:2007.
- MONTERO, Paula (org.). *Deus na aldeia: Missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006.
- PATARRA, Neide Lopes. *Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais*. *Estud. av.*, Ago 2006, vol.20, no.57, p.7-24.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. *China-Paraguai-Brasil uma rota para pensar a economia informal*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 23 n°67, junho 2008.
- RABOSSI, Fernando. *Nas Ruas da Ciudad del Este: vidas e vendas num mercado fronteira*. Tese de doutorado em Antropologia Social. Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2004.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. *El sistema mundial no-hegemónico y la globalización popular*. Série Antropologia, Brasília: 2007. ISSN 19809867
- SÁ, Bárbara Cristina. *Pimentas e suas imagens: Estudo sobre a construção vivida e simbólica do espaço urbano de um Bairro "periférico" da cidade de Guarulhos*. Relatório de Iniciação Científica. Fapesp, 2009.

SAHALINS, Marshall. *Metáforas históricas e realidades míticas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da USP, 1998.

SILVA, Sidney. *A Migração dos símbolos. Diálogo e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo*. São Paulo em Perspectiva, jul/set 2005, v.19, nº 3, p. 77-83.

_____ *Bolivianos: a presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, Otávio (org.). Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1979.

_____ *A Aventura*. In Fidelidade Gratidão e outros textos. Relógio d Água, 2004.

_____ *O Estrangeiro*. In Fidelidade Gratidão e outros textos. Relógio d Água, 2004.

TURNER, Victor. *O Processo Ritual*. Editora Vozes, Petrópolis:1974

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura* Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____ *Projeto e Metarmofose. Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Zahar,1981.

VELHO, Gilberto e Viveiros de Castro, Eduardo. “O Conceito de Cultura e o estudo de Sociedades Complexas” In: *Espaço cadernos de Cultura USU*. 2(2), 1980.

Imagem em Movimento

Cosmópolis. Um filme sobre São Paulo e seus habitantes, direção Beluzzo Cói, Cury Otávio e Tavares Camilo. 2005, 55 min.

Sonoroscópio. Polifonia da Imigração, direção Monteiro, Rachel e Goifman, Kiko. 2004, 55 min.